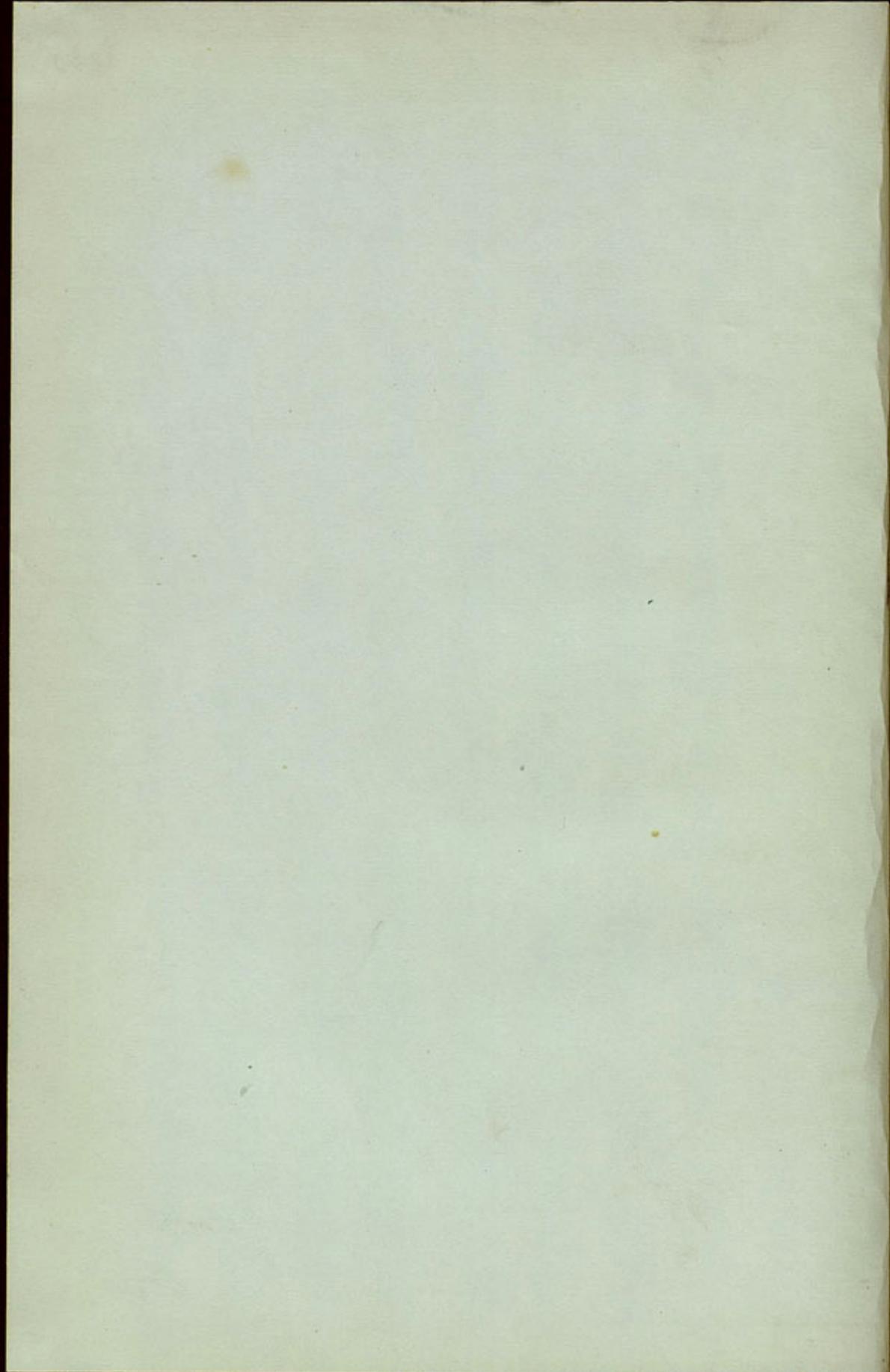


RP

8

13





CARO

RP

8

13

: *Revista de Coimbra* :

19

"ÍCARO" Revista de Coimbra

DIRECTOR: Ernesto Gonsalves.

SECRETARIO E EDITOR: Luiz de Vasconcelos.

FUNDADORES: Cabral do Nascimento, Vieira de Castro, Alfredo Brochado e Cortez Pinto.

ADMINISTRADOR: Vicente de Gouveia (Rua de S. Salvador, 2).

N.º 1

JULHO DE 1919

ANO 1.º

SUMÁRIO

"Ícaro".

Canção do Amor Enlouquecido. . .	TEIXEIRA DE PASCOES.
Matinas	ERNESTO GONSALVES.
Versos	CABRAL DO NASCIMENTO.
A Vertigem.	LUIS VIEIRA DE CASTRO.
Sonetos.	ALFREDO BROCHADO.
Geórgica	SIMÃO ESCÓRCIO DE BERENQUER.
Do "Poema da Tentação".	AMÉRICO CORTEZ PINTO.
Uma carta inédita de	CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

Toda a correspondência relativa á redacção deve ser dirigida ao director, Rua de Thomar, 3.

Preço: 250 reis



CARO, *filho de Dédalo...*»

O mito clássico, vivendo intimamente no desejo humano, revelou-se em nós, nos que tentam, orgulhosos da rubra ansiedade da vida, ascender em Beleza, em Perfeição e Orgulho. Sob o ceu heleno, cheio de uma graça idílica e serena, o voo icário tinha uma harmonia escultural, e o seu ritmo — a aspiração das asas quiméricas — bendizia a vida, ansiando para a sua beleza uma mór beleza. Cantado em versos de uma académica serenidade, nós seguimos as suas máximas e o nosso desejo de revelar, de anunciar novas formas de Sonho e de Beleza, continúua a antiga ânsia imperfeita e humana. Como fantasmas de estrélas, dentro de nós erram as saúdades de uma vida maior, esplêndida e heróica. E embora o voo ansioso se malogre, sempre as asas frágeis e mutiladas conservarão o mesmo frémito aventureiro — aspirando à Beleza, ao Sonho e à Vida.



: CANÇÃO DO :
AMOR ENLOUQUECIDO

FECHEI os olhos... Fui... Adormeci..
O mundo se desfez em nevoeiro,
Disse-te adeus! e nunca mais te vi!
Foi o sono primeiro e o derradeiro...
Morri... Morri... Morri...

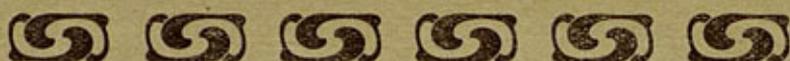
Quem me cobre de rosas e de lírios?
E quem me beija a fronte repousada,
Tão amarela e fria, à luz dos círios?
Que voz me fala assim toda molhada?
É êle! É êle! É êle! — que eu morri...

E eis que os mouros vieram da Mourama,
E de setas meus seios trespassaram!
Noutra Alcacer-Kibir me trucidaram!
Morri! Morri! Morri!

E quem minha lembrança guarda e ama?
Quem a veste de lágrimas e beijos?
Quem do mundo responde aos meus desejos?
É êle! É êle! É êle! que eu morri!

E quem se abraça doido ao meu caixão?
E quem grita por mim, numa aflicção?
E quem me diz um sempiterno adeus?
É êle! É êle! É êle! — que eu morri...
Já sinto a terra fria e sinto Deus!

TEIXEIRA DE PASCOAES.



: MATINAS :

BEATA Beatrix — como eu a crismára, entre beijos — teve nessa manhã lúcida e esplêndida o capricho de visitar o claustro gótico, onde uma fonte cantava uma lôa contente e humilde. Maravilhosamente vestida de negro, duma elegância melodiosa e simples, um longo véu imprimindo uma graça quási monástica, Beatrix, ao entrar no claustro, aspirando com delícia o ar puro de hórto cristão, disse :

— Aqui, certamente os beijos teem um outro sentido e as almas, quando se juntam, são como duas chamas erguendo-se irmanmente na mesma resa devota.

Os seus olhos, onde a vida sempre se revela com uma graça enamorada e doce, duma séria tristeza, tinham nesse momento uma alegria infantil. Beatrix tem uma alma delicada e melindrosa que eu sempre comparo, pela sua ténue religiosidade, a uma chama de círio ardendo entre crisântemos bizarros; mal posso explicar a mim próprio esta sugestão singular, tão íntima e expontânea, surgindo paradoxalmente na primeira vez que a admirei. Beatrix é uma dôna frágil, seguindo cegamente as regras despóticas de Paquin, e conservando, no entanto, a alma humilde, sequiosa de espiritualidade, duma noviça... É loira, alta, um andar senhoril de princesa, as mãos longas de modeladora de máscaras de cêra. Ela possui delicadezas capciosas e subtís, os seus olhos verdes, dum aluci-

nante verde-esmeralda, dir-se-ia transfigurados dês o momento irreal em que viram a nerêscia visão duma cidade em lava-reda... Minha inspiradora adorável, com dolências luarosas de madona botticellina, ela guarda nas palmas das suas mãos, assim como uma litúrgica flôr, a bênção baptismal que me unge e me acompanha perfumosamente. Os seus olhos, saudosos de esmeraldas perversas, veem-me de longe, numa distância de luar glauco que me impressiona.

— Oh! como ficarias admirável num habito de monja! exclamei ao vê-la de perfil, na gravidade suntuosa de sua *toilette* negra, envôlta pela luz doce, fluida, e duma espiritual transparência dessâ manhã maravilhosa.

Adivinhava que seu espirito frívolo, cheio de galantes futildades, se embebia na alegria puríssima, casta e virginal do momento religioso.

As suas mãos longas, veladas nas luvas negras, estariam absolvidas de todos os gestos enamorados de oferecer. E porque razão, ao vê-la assim dum doairo esvelto e principesco, duma elegância tão simples e sábia, me alembrou Thaïs, maravilhosa na sua belesa helena de ninfa, perturbada da saudade de sua infância, e do mistério angustiante da vida?

Surpreendidos pela nossa presença, alevantando um vôo alacre, pardais fugiram dum incenseiro em flor, que enchia o claustro de aromas como um turíbulo nupcial. O claustro nessa luz azulada e doce, que descia dum místico ceu esmaecido, tinha uma unção religiosa e branda, jocunda e sorridente, que mergulhou na minha alma como um lírio lançado numa cisterna. Foi duma lírica comoção a reza que ergui espiritualmente, acompanhado de Beatrix, que com místico alheamento comungava a prece flébil dessa hora devota. Passeando, no encanto da luz e dos perfumes monacaís, com uma alegria comovida, nós fomos tecendo os nossos louvores a tudo o que era duma graça mística e humilde: o jardimzinho conventual onde floresciaam magnólias e violetas, o tanque mascarado duma luz radiosa, as penumbras húmidas de azulejos ingénuos...

— Vê — disse a Beatrix, entrelaçando as suas mãos nas minhas idilicamente, quando estávamos sentados num banco de pedra lavrada — vê como o nosso amor, longe do mundo, tem uma graça enamorada e cristã, uma alegria comovida onde canta o ritmo religioso da Vida e de Deus. As nossas almas

foram feitas por Deus para viverem, em gêmea pureza, num pomar paradisiaco, esplêndido e bemdito, frutificando eternamente numa aurora maravilhosa, numa serenidade extática e divina. Como duas fontes claustrais, as nossas bocas só sabem beijar na penumbra recolhida e mística...

Beatrix ofereceu-me com um geito amoroso e encantador a sua boca golpeada de sangue, onde um ofertante e perene beijo floresce. Esse beijo amorável e longo, que longo tempo prendeu os nossos lábios, foi uma prece em que as nossas almas comungaram numa beatitude luarenta, cheia dum penitente espírito idílico. Os seus olhos verdes fixavam-me com uma insistência hipnótica e com prazer enamorado fui beijando as suas pálpebras, que se cerraram, num desmaio, sôbre o perturbante sonho de febre das suas pupilas embruxadas. Vinha a luz esplêndida invadindo todo o claustro num imaterial e bíblico vôo, onde o meu espírito se dissolvia num êxtase feliz, como um perfume mais religioso do hórto monacal. O claustro, como uma capela panteísta, guardava nas suas penumbras alacrizadas da voz das fontes, nas suas ogivas elegantes e primitivas, na esparsa saudade de outros espíritos que, em renúncia de amor, ergueram àquele ceu rôxo de violetas a sua reza dolorosa—a alma esplêndida e cristã da luz, o misticismo do sol dourado, a prece andrógina dos crespúsculos em que o dia e a noite vem receber de Deus o seu baptismo melodioso. Momento único da minha vida, por graça do amor e da luz, sentia a minha alma purificar-se de todas as impurezas mundanais e, numa elevação litúrgica, cheia dum fervor primitivo, erguer-se a Deus, ardendo num puro êxtase doloroso. Ao pé de mim, Beatrix, de dedos entrelaçados, rezava em silêncio uma prece devota e amorosa, numa atitude ascética, composta, dir-se-ia, por um frade-pintor, que herdasse a chama penitente da arte de Fra-Angélico. Descia a luz sôbre o claustro num vôo de perfumes inebriantes, numa fluida lucidez azulada, saudosa dos jardins edénicos onde ela se purifica por milagre amorável. Essa manhã era dum encanto humilde e bíblico, lêdo e exultante, suscitando pensamentos numa serenidade feliz, onde a vida, como um ritmo inicial, se abandonava. Oh! o silêncio sacro, perfumado e esparso do claustro ogival! Nesse momento revelador a asa do tempo roçava numa sonolência languie as nossas bôcas,

onde ardia a promessa rubra da vida. Na penumbra dos ângulos, aonde a manhã não conseguira ainda estender a sua sêda luminosa, as ogivas indicisavam-se religiosamente e, na sua sombra, a sugestão da hora sagrada fazia surgir, num pezadelo, morcegos esvoaçando. Porque a nós dois, evocado pela religiosidade do ambiente, nos amedrontou o fantasma tôrvo do tempo, — a ronda imponderável das horas girando sempre num ritmo claro e sereno, em que soluçam dôres e risos alvorecem na mesma alba cristã para se extinguirem em cinza, como todas as mentiras do mundo. No claustro idílico, o ritmo dos fuzos das Parcas por momentos pairou no alto, como um soluço... Beatrix, flexuoso corpo de Colombina onde arde um místico espírito de noviça, sentia erguer-se dentro de si uma fala misteriosa e litúrgica, — a voz do tempo que tudo destroi e desfaz e queima... Como uma flôr espiritual, a saudade do passado enchia o claustro idílico e sereno. Em outros tempos em que a vida seria pura, simples e lírica, por ali andariam as monjas na sua faina cristã, às manhãs azues, em que a luz resplandece como um cristal puríssimo, regando as flôres num rito terno e comovido. E nós sentíamos, nessa hora evocadôra e apaixonada, o perfume dessas flôres que murcharam, o perfume eucarístico e religioso das rosas, dos lírios, das magnólias, que resumiram, no seu destino frágil, a vida das almas enclausuradas e místicas.

Sôbre uma lágea, em letras góticas, uma inscrição tumular: 1635... Como se abismasse as suas pupilas num espelho mágico e sibilino, Beata Beatrix parou diante daquela data; e, obedecendo a um sentimento romântico, numa atitude esvelta e patética, ela levantou ao céu as suas mãos sonâmbulas, agora desnudas, e rezou à alma da madre-abadessa que ali repousava, no ambiente aromoso do claustro gótico. Na verdade, como num cofre de sândalo onde se fechassem amorosamente todos os beijos de todos os amantes, aquele claustro dir-se-ia viver, à margem do tempo, uma velhice amável e mística onde todas as horas mortas de oração, de felicidade devota, de beatitude espalhavam seus perfumes misteriosos. Naquela manhã um espírito virginal pairava no ceu... Uma amorosa anunciação descia na luz azulina e velada, claridade tão transparente e devota como a que aureolava Jesus nos seus milagres. Finda a prece, Beatrix, naquele ambiente místico,

trajando parisinamente com uma elegância de infanta eslava, mais me evocava o contraste de sua alma religiosa e penitente errando num mundo frívolo, paradoxal e fútil.

— Viver numa casa onde houvesse um claustro... E ter um filho, meu amor!

Oh, o milagre amoroso daquela manhã esplêndida e do silêncio do claustro gótico! Minha companheira amável, que em sua meninice brincara com bonecas de *biscuit*, sentia naquele momento a alegria humana, funda e magnífica de ser mãe, o desejo divino da maternidade. Sua ironia frívola emudecera. Assim os seus beijos não se abriam agora em orgulhosa flôr, mas punham nos meus lábios um mel amoroso e extasiante. As suas mãos eram castas como as duma tocadora de órgão.

Na ascensão gloriosa da luz, a fonte do claustro musicalizava na penumbra uma reza virginal e benta, evocando-me canteiros de lírios edénicos. A ameaça trágica do tempo parecia imobilizada no êxtase melodioso do ceu, na unção puríssima do claustro, nos perfumes revôltos do jardim monacal. Naquele momento sonoro, e cheio de beatitudes, as nossas almas dissolviam-se na luz como um perfume e tudo em volta, impregnado do nosso amôr, louvava a alegria casta de beijar. Por isso o beijo de Beatrix alembrou-me um mel divino em que se dissimassem o misticismo do ceu, o perfume dum vôo de rôla, o canto vespéral dum órgão... Religioso beijo, em as nossas almas ergueu-se a lã da hora piedosa. Lentamente, no grande silêncio eucarístico, um sino começou a tocar numa melodia tão dôce e elegiaca como um canto de pastoral. Então tudo se imobilizou numa beatitude feliz: êsse momento tinha uma religiosidade de mãos erguidas, tudo se prostrava, rezando, diante da paisagem oculta... A hora de azul e de piedade, a hora humilde e cristã resplandecia como um magno milagre. E eu, cheio duma comoção espiritual, ergui ao ceu os versos santos, alacres, e dum perfume primitivo:

*« Venite, exultemus,
Laudemus Deo
In psalmis jubilemus ei... »*

Continuava o sino a tanger no abandono luminoso do claustro. A fonte rezava na sombra, como se a alma dalguma

freira se tivesse exilado na sua voz cristalina, cumprindo um encanto amável. No tanque, como uma aspersão de lírios, a luz resplandeceu suavemente... Beatrix, num alheamento triste, calçava agora as luvas; nesse gesto sereno, a esmeralda do seu anel quebrava brilhos esverdeados. A água da fonte caía louvando o silêncio... Nas pupilas de Beata Beatrix ardia uma luz intensa e profunda e os seus lábios sangrentos tinham a dolorida curva duma reza.

Jan. — 1919.

ERNESTO GONSALVES.



: VERSOS :

MEU coração infante, com seu bibe de enganoso,
deixei-o junto à porta e junto à porta ficou.
Depois um certo bando de palhaços ciganos
que por ali passára, decerto mo roubou.
Longos meses seguiram e seguiram-se os anos,
o pobre coração ao meu peito não voltou.

Pelas tardes de outono, nessas longas estradas,
as caravanas passam a chocalhar os guisos.
Lá vão, seus bois puxando, e nas barracas fechadas
claros timbres de vozes e violoncelos de risos!
E vão, em fila, assim, pelas compridas jornadas
numa teoria egípcia de hieróglifos em frisos.

Ah! quantos corações, que perdidos do seu rumo,
não erram toda a noite num caminho deserto?
Aonde foi o meu? Não adivinho ou presumo,
não sei onde o levava aquele destino incerto.
Extinguiu-se, morreu, pálida nuvem de fumo,
e toda a noite, à espera, fica o meu peito aberto!

JARDIM quadrado, pequenino, e cheio
de rosas bravas e silvestres vinhas :
Ali alguêm, tremendo de receio,
em certa noite ao meu idílio veio.
Do prédio, o luar divinizava as linhas.

Então falaram alto os roussinois
no seu falar de complicado enrêdo.
Passaram quartos, horas. E depois
o luar se foi sorrindo de nós dois...
Ali o amor se me mostrou a medo.

Jardim aonde em pequenino poço
silencioso caía um fio de água,
como te lembro em rútilo alvoroço!
Tu eras fresco, eu era ingénuo e moço...
Ali se começou a minha mágua.

Coimbra, 1919.

JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO.



: A VERTIGEM :

ENTRUDO! Entrudo! clamava a turba numa grita furiosa, doida, enquanto os corpos se enlaçavam e os braços iam espiralando pelo ar, num *sabbat* de alegria sem limites.

Era na segunda feira gôrda, e a sala imensa e doirada do club, sob a bênção jorrante da luz eléctrica, tinha aspectos diabólicos, por entre a estridulez das vozes que se erguiam de todos os lados, propositadamente alteradas e irreconhecíveis. Os tziganos tinham atacado a medo uma valsa mole e lânguida que, no primeiro instante, calafriou todas as espinhas, no antegôso de volúpias requintadas. Mas a onda alucinativa que soprara por sôbre aquelas cabeças, de novo se apoderou delas, e arrastou no mesmo torvelinhante desvario, na mesma incutida sêde de palparem a vida, de medir-lhe a violência té então ignorada. O drama das máscaras, pungente, bárbaro, estilisava-se uma vez ainda, naquela comunhão de desconhecidos que uma gémea ansiedade ligava sem peias.

Pierrots enfarinhados arrebatavam para o meio da sala frágeis creaturinhas receosas, como sátiros cabriolando no mistério das florestas. Os dominós baralhavam-se numa miscelânea selvagem de côres. Por entre êles, dois apaches iam quebrando uma valsa, num gingar abominável de viela, requebrando canalhismo, avocando torpezas subtis. Bacilava-lhes no sangue o virus da anarquia, mordendo-lhes de appetites a

alma, que toda se dava, naquela hora única da existência, à espontânea confissão dos segredos mais íntimos, das dôres mais sagradas.

São assim as máscaras. Toda a sua história é êsse rosário interminável de aspirações, de sonhos, sempre calcados, sempre oprimidos, nuns pela cobardia, noutros pela miséria. Mas vem uma hora em que todas as conveniências e todos os obstáculos desaparecem, e a alma torturada das máscaras irrompe, enfim, numa explosão brusca e indomável. Trota-lhes pelo corpo a fébre de pertencerem-se, ao menos uma vez na vida, e nada os prende, ninguém os detem. Ali mesmo, naquela sala fútil, quantas tragédias infinitas se não debateriam?

Bandadas de máscaras invadiam constantemente o amplo recinto, e circuitavam-no numa ébria farândola, entre casquinadas de troça e risos irreverentes. Os mais absurdos disfarces faziam parada naquele palco de alta-comédia. E a multidão rumorejante crescia, avolumava-se, prêsa da fascinação que lhe arrepanhava os nervos. Os músicos, com um ar sofredor, iam exgotando o reportório clássico de todos os salsifrés, numa estropeada jovial e barulhenta. Agora, era um tango... Os pares sinuosavam pelo estrado central, num quebramento langoroso, sensualizados pela terna indolência da música. Mas logo uma marcha de toiros, heroica e soberba, veiu como que retemperar as energias, vitalizando aquelas almas derrancadas...

O borbórinho, asperizando-se barbaramente, tornára-se ensurdecedor. Mal se podia dançar, porque a sala era pequena para tanto mundo. Foi então que uma curiosa figura de mulher, atravessando com dificuldade a mole da assistência, veiu enovelar-se num dos sofás que percorrem lateralmente a sala. Do seu rosto nada se divisava, mas o corpo atraía desde logo a atenção, pela escultural linha das carnes escorrentes, pela hesitante tumidez dos seios, pela curva suave das ancas... E o busto esgarçava-se com extrema elegância, partindo, num recorte admirável, dos ombros opalescentes. Vestia a desconhecida qualquer traje oriental, circassiano talvez, que lhe emprestava um ar feiticeiro e provocante. Por sôbre o rosto uma espécie de *tcharchaff*, aguçando a gula dos curiosos, pela pontinha de mistério que significava.

No mesmo canto da sala a que se acolhera, esperava-a já uma outra máscara, homem decerto. Quem quer que fôsse, porém, ajustára um negro *maillot* de sêda ao corpo, como negras eram as deliciosas babuches que calçára, e o *loup* que lhe escondia a cara. Dum vermelho berrante, estridente, era o gôrrro com que coifára a cabeça. Tudo duma distinção banal que conseguira, todavia, enrodilhar os espíritos num comum arripio de curiosidade.

Olharam-se as duas máscaras longamente, como que a penetrarem o sentido das suas impressões. Através do disfarce da bizarra circassiana, fosforavam-lhe os olhos, num geito luminoso de pecado. E êle, vorazmente, a querer surpreender-lhe a intenção, mimou um sorriso contrafeito, artificial, e os dedos incurvaram-se-lhe, como a garra que se estende para uma prêsa esquiva...

Trouxera-o ali a cinza dum velho amor, e já mal se alembrava dele. Pensara que, pelo ciume, despertaria o fogo apagado em Yoclaine, a quem o prendera outrora um capricho passional, todo sensualismos exgotantes e árdentes. E — com surpresa — vira-a sem um estremecimento, com uma glacial indiferença. Não o interessava, positivamente. Em compensação, aquela creatura que tinha ali a seu lado, e que, durante tão longos meses, não fôra mais do que uma adorável e espiritual companheira, começava agora a seduzi-lo com seu raro encanto de mulher. E não sabia como fazer-lho sentir, não ousava mesmo. Porque... Mas não queria saber; aturdiu-se no brouhaha das máscaras, que prosseguiam no delírio febricitante da sua despreocupação, alheias a todos os dramas da vida, querendo, por fôrça, esquecer-los, e esmagá-los sob o jugo da loucura, que as ensurdecia.

As serpentinhas zebraavam o ar, e ensarilhavam-se numa confusão medonha, formando, depois, pequenas montanhas que as máscaras atiravam ao alto, com o bico dos pés, na fugidia ilusão de quem arrasta deante de si os maiores obstáculos, megalómanos que derrubam mundos, gloriosos e onnipotentes como deuses... Lá iam, num feérico cortejo, folgadamente, compondo esgares de farça, cantarolando coisas picantes, a visionarem édens de prazeres e paraísos de gôso. Por vezes, sardonizava-lhes a expressão um flamejo de concupiscência, e logo os braços, alongando-se, tomavam pela cinta o primeiro

corpito que se lhes deparava, estreitavam-no contra si, numa fúria de epilépticos.

Os tziganos iam comentando, a seu modo, o fantástico espectáculo que viam em tórno e, já sugestionados pelo ambiente, acompanhavam a musica de berros penetrantes, agudos, que vinham diluir-se na grita medonha que ia pela sala fóra.

As rolhas de champagne estalavam e subiam ao ar, participando da festa com estrondo. E os pares bailavam, bailavam sempre, numa incansável folia, bêbados de contentamento, estuantes de energia. Nos espelhos tremelilhavam centelhas de luz, vaporosas, tão efémeras em seu brilho como a felicidade das máscaras.

Só as duas figuras isoladas se retraíam num inexplicável marasmo. Passara-lhes pela vista uma névoa umbrosa, e seus pensamentos pareciam grimpar para o infinito, como que na gestação lenta de novas paixões. De resto, ela viera também ali para encontrar-se, uma vez ainda, com um homem que amara em idos tempos. O destino das duas máscaras ligara-se, a princípio, pelo mesmo laço de saudade. Mas, ela também, só encontrara ruínas, e um frio crescente a tomar-lhe o coração. Positivamente: o passado era um livro morto, que se não devia esfolhear. Melhor guardá-lo, como uma jóia inestimável, mas inútil... Pareceu-lhe, a êle, que adivinhara num leve encolher de ombros da sua companheira, o geito de quem quer sacudir uma lembrança pesada e inoportuna. Tresvairou-o uma sensação de prazer, uma perspectiva de triunfo... Porque a amava já, à sua esvelta circassiana! Encarou-a com seu olhar veludoso, fixando-a demoradamente, e, ao vê-la liberta da obsessão que, minutos antes, a subjugava, não pode vencer-se, e, prendendo-lhe as mãos pequeninas entre os seus dedos afilados, beijou-as com uma sofreguidão doida... Para o seu temperamento de emocionista, aquela inesperada revelação tinha o acre sabôr dum fruto raro.

Livres de preocupações, contagiou-os depressa a loucura das máscaras e, irresistivelmente, os dois atiraram-se para o meio da sala, deixando-se envolver pelo redemoinho que turbilhonava em derredor. E, emquanto dansavam, ela ia reconstituindo a comoção em que a lançara aquele beijo ardente, agora agravada pelo contacto do seu corpo. Amá-lo-ia também? A

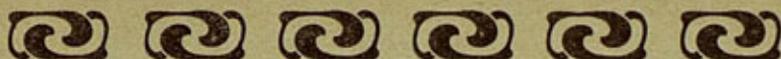
indiferença com que encarára há pouco o passado, o seu perturbado enleio de agora, tudo lhe parecia dizer que sim. E não seria talvez amôr, êsse velho affecto que os prendia, êsse secreto entendimento em que as suas almas pareciam propositadamente ajustar-se? Começava a duvidar... E recordava certos silêncios penosos que, às vezes, os contrariavam, algum olhar mais demorado em que, frequentemente, se surpreendiam.

Na sala, a animação não decrescera, e o entusiasmo mantinha-se inalterável, febril, num exacerbamento de prazer que dava a todos os espíritos uma acuidade excepcional. Assim fatigados do cenário em que se moviam, buscavam ansiosamente um motivo que lhes atraísse a atenção, um novo alvo onde fôsse chapar-se a luminosa claridade da sua alegria, — quando, súbito, descobriram, no meio da multidão, a circassiana e o seu companheiro. Imobilizados como se tinham conservado até li, recebeu-os um grito de espanto partido de todas as bôcas. E as máscaras, no seu desatino, explodiram num clamôr de vitória, rodearam-os, e levando-os em braços, espalhavam, como um pregão de assombro, que Satan se apoderara enfim daquelas almas. Abria caminho ao infernal cortejo um trôpego Fausto. Os violinos, ao fundo, desfibravam-se numa melodia carnal e lúbrica. E, de todos os lados, se levantavam exclamações de Triunfo. As serpentinas envolviam, mais e mais, os dois amantes. As máscaras apertavam o círculo de ferro. Aclamados ruidosamente, num frenesi de loucura, num destrambelhamento crescente, êles sentiram-se, irresistivelmente, um do outro.

E naquele labirinto fieveroso, por entre o ruído das taças que estilhaçavam pelo ar com o reverbero luciolante de espadas em continência, as duas bôcas uniram-se num beijo nupcial e supremo!

Lisboa, entrudo de 1919.

LUIS VIEIRA DE CASTRO.



: SONETOS :

I

CALOU-SE tudo, deram as Trindades!
Não pode haver momento mais sagrado!
Hora das meias falas, das saudades,
Dos místicos segredos em noivado.

Além, pelos caminhos das herdades
Nem se ouve o triste chocalhar do gado;
Calou-se tudo, deram as Trindades!
Talvez até falar seja pecado!

Voltam do campo os tristes lavradores;
Há mães que embalam filhos a chorar;
Ouvem-se além canções de trovadores.

Depois... ninguém, a noite, o esquecimento!
Cala-se a gente para ouvir falar
A voz de Deus, que é a voz do Pensamento.

II



A atitude saudosa de quem chora
Passas o tempo sem ninguém te ver!
O tempo? sim, melhor não sei dizer,
Essa coisa contada hora por hora.

Eu sou a causa dêsse teu sofrer...
É minha a culpa, bem o sei; embora!
Continuarei a amar-te como outrora,
Muito em silêncio, sem ninguém saber.

E quantas vezes, noite morta, a só,
Eu julgo ouvir em sonhos uma voz
Cantando lá por fora, no jardim...

Depois acordo; mas que voz aquela!
E fico d'olhos postos numa Estrêla
Que é a tua imagem a passar por mim.

ALFREDO BROCHADO.



: GEÓRGICA :

TINHA fechado os olhos e via, na tela do veludo preto do meu mundo interior, inúmeras fórmulas geométricas, luminosas e latejantes. Quando depois levantei as pálpebras, um Anjo de grandes asas pensativas, como a «Melancolia» de Alberto Dürer, viéra sentar-se quietamente junto de mim.

— Escreves, disse êle. Eu respondi:

— Escrevo.

Olhavamo-nos com infinita curiosidade. Pela frincha das janelas entreabertas vinha uma nesga de sol, e alongava-se no chão como uma fita de lume pálido. O Anjo apoiára a face na mão direita, e aquela atitude dizia todo o seu desalento.

Ele tornou:

— Escreves, e sofres, e todo o teu trabalho é inútil. Não crias nada, não fazes nada de novo. Melhor seria cruzar os braços. O que tencionas realizar?

— Sei lá! Um poema, uma epopeia, uma coisa grandiosa e sublime. Espantarei as multidões, serei adorado pelos poetas, viverei no meio do êxtase dum povo. Serei lembrado e recordado. E quando morrer, virão depôr-me sôbre o túmulo corôas de louros e braçadas de rosas. Basta para isso que escreva tudo o que ainda há pouco imaginava. Cerrava os olhos e idealisava uma obra-prima. Para que vieste? Retira-te, peço-te, e não interrompas o meu trabalho.

O Anjo sorriu, num grande sorriso de incerteza e de desdém. Depois, pousando sôbre a mesa uma ampulheta de pó de ouro, retorquiu:

— Ilusão. O tempo foge, e tu perde-lo.

— Não me interrompas! gritei. Preparo o meu triunfo.

Ele disse:

— Inútil, meu amigo. Os poemas e as epopeias estão feitos. Todos os grandes poetas viveram já, e morreram, e rimaram tudo. Não vale a pena seguir-lhes os passos, e qualquer coisa diferente é impossível.

— Olhei-o então fixamente. Uma grande ruga vincava a sua face triste. Parecia cansado, como quem chega de muito longe. Supuz novamente que fôsse uma alucinação, um pesadelo, um estado febril da minha consciência. Levantei-me, abri as janelas de par em par, para que o fantasma saísse. Imperturbavelmente, porém, o Anjo de asas pensativas permanecia sentado, o cotovelo agora sôbre a mesa, apoiando o rosto. E na mão esquerda, distraído, volteava a ampulheta de pó de ouro fino.

Tornei a sentar-me e falei:

— Pois sim, rasgarei toda esta papelada. Vou queimar todos os versos, destruir todas as laudas. Mas dar-me-has licença, espero, de vencer ainda. Far-me-hei, por exemplo, descobridor. Pedirei uma nau, irei pelos mares desconhecidos, desvendando continentes, ilhas e promontórios. Quando voltar, os reis disputarão sôbre a minha nacionalidade, e o meu peito será pequeno para ostentar a flôr de lisonja das gran-cruzes. Geógrafos darão o meu nome aos estreitos atravessados, às florestas devastadas, aos arquipélagos desertos. A História comentará, em períodos graves e sonoros como o bronze, os meus feitos alevantados e humanos; e a imaginação popular, ao meu redor tecendo a espessa teia da lenda, atribuir-me-há milagres que não fiz, amores que não tive, — ao acrescentar os nomes das princesas que morreram de saudades, enamoradas de mim, em castelos distantes, fabulosos, noutros países, junto ao mar... As gerações vindouras disputarão, em concílios eruditos e afamados, se a minha existência foi uma realidade ou uma mentira. E todas as dinastias régias, pela habilidade subtil dos linhagistas, virão entroncar-se na minha descendência...

Calei-me, ofegante. Deveria ter no olhar um brilho estranho

de vitória. Parecia-me que o Anjo, tão melancólico e scético, não ousaria contestar a verdade das minhas palavras.

Mas elle só respondeu :

— Em vão, meu amigo, tudo em vão. Hoje não há mares que não fôsem já sulcados, nem ilhas por descobrir. Na tua vida de gabinete, ignorante das coisas do mundo, não sabes que as naus acabaram e que os vapores correm as águas, rufando e fumégando. E os próprios reis baqueiam na vetustez dos seus tronos.

— Pois será possível...? Mas não importa, far-me-ei ermita. Irei para um deserto, comerei raizes cruas, fatigarei meu corpo de jejuns e de cilícios, para libertar a alma; e a minha carne será como um velho pergaminho. Devotos virão de longes terras, para vêr-me, para tocar-me. Curarei os leprosos, darei vista aos cegos. Deus escolher-me-á como seu filho dilecto. As caravanas atravessarão as areias, só para levarem uma reliquia da minha soturna caverna, que curará dos maus-olhados. E a Igreja, maravilhada de tanto heroísmo, marcará meu nome num dia do calendário. E quando, no isolamento das celas, os monges desfalecerem ao avisinhar-se o demónio, bastará que se lembrem do meu exemplo, para progredirem; e o meu nome, dito trez vezes, afugentará os chacais e as panteras. Terei, além disso, promessas e ex-votos...

Olhei então para o Anjo das asas pensativas. Tinha levado a mão à cabeça, num geito de assombro incontido.

— Uf! Mas és doido, meu amigo, pela fôrça! O tempo de Santo Antão passou já. E para o êxito da tua fé, seria precisa muita humildade, que não tens, e renunciar a essas mundanas recompensas, o que não podes.

— Então, então? perguntei. Ah, espera, espera ainda. Porque não serei um grande general e não vencerei batalhas e torneios? Sôbre o meu cavalo árabe, de esbeltos flancos, derrotarei as hordas infieis. Serei um cavaleiro da cristandade!

O anjo sorria.

— ... E na tarde ensanguentada da vitória, sob um pάλio de bandeiras pandas, esperarei ansioso a esposa do vencido. Porque ela virá, trémula Mona Vana, pagar-me o apetecido tributo na sua nuêsa fulva, loura e delicada!

O anjo ria ainda. O dia declinava lá fora, morno e preguiçoso.

— Ou um grande homem do mundo, um dandy, um suntuoso! Legislava a moda, o talhe das casacas, a flôr da lapela, o jôgo de cartas mais diabólico. .

O anjo ria sempre.

—... Ou então, debochado e bacante, fugiria para as florestas da Arcádia, tocando frauta, com os cabelos enramados de parras e de rosas. Ninfas acudirião á melodia desperta; e enlaçando seus virgens corpos, de âmbar e marfim, sob caramanchões idilicos...

E o anjo ria perdidamente.

— Como poderás ser um homem do mundo, disse, sem ser um entediado ou um escroc? E como queres ressuscitar, no nosso século, as imagens poéticas do paganismo? E como queres ser um general flamante, nas guerras do nosso tempo?

Levantára-se. O sol já não entrava pelas frinchas das janelas. Ele tomou a ampulheta, deu uns passos na sala...

— Um momento, espera! disse. O que posso eu fazer para que deixe o meu nome sob uma auréola de triunfo?

Ele murmurou quáse silenciosamente:

— Para quê a glória, meu amigo? Queres antes um intimo triunfo, consolador e forte?

— Por Deus, fala!

— Sê pois um lavrador, um agricultor, um homem da terra. Estudarás a época das sementeiras, da póda e das transplantações. Irás ajudar às vindimas, no ouro calmo das tardes de setembro. Sob as oliveiras, contemplarás o trabalho dos varejadores. Disporás as colmeias para as abelhas, marcarás os regos para as águas, os bolbos a introduzir nas cepas, cantarás nas desfolhadas, ou ao sol das ceifas, ou pela apanha dos frutos do outono. Perfumada pela flor das amendoeiras, pelo pó dos trigos, pelo acre sabor dos pomos luminosos das lorangeiras, a tua alma refflorirá, sem tédios nem desfalências.

Ele calára-se. Deu mais uns passos no quarto, alados quáse e mui sutis. Desapareceu.

Tornei a fechar os olhos. E na tela do veludo preto do meu mundo interior, surgiram novos mundos estranhos, latejantes e luminosos.

Coimbra, 1919.

SIMÃO ESCÓRCIO DE BERENGUER.



: DO "POEMA DA TENTAÇÃO,, :

COM timbres de oiro em ritmos desusados
Cantou a Voz Divina em versos meus,
E em momentos alheios e exilados
Colhi da minha bôca a voz de Deus...

O meu orgulho humílmo, assim
Alembra certo Rei fechado num castelo...
E eu não quizera sentir Deus em mim...
Quizera sê-lo.

Fechar o ceu inteiro nos meus braços!
— Ó minha alminha de olhos nos espaços,
Pequenino poema de humildade...

A glória? A vida? Ai como Deus nos fez pequenos!
Como é inútil tudo quanto é menos
Do que criar também a eternidade!



ROMEIROS do Ideal

Meus gestos peregrinos se exilaram...
Tiniram luz em longes de cristal
E em espelhos de mentira se espelharam...

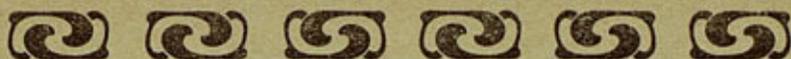
Contrico,
Minha alma traz Jesus-Crucificado!
Senhor meu Deus! O meu desejo em grito
Cegou de luz meus olhos de abismado...

Orgulhos e vaidades que eu ergui
Cairam de tão alto aos pés de ti,
Jesus!

Senhor! Senhor! Tua presença em mim
Quebrou-me as altas Torres-de-Marfim
Em estilhaços de luz!

Coimbra. — 1919.

AMÉRICO CORTEZ PINTO.



CARTA INÉDITA
: DE CÂMILLO :

A JOSÉ CARDOSO
VIEIRA DE CASTRO

Meu Vieira de Castro.

IMAGINA-ME a encaixotar 47000 volumes em cinco dias! Em que estado de abatim.^{to} eu chegaria á noite! Depois de jantar, apenas podia resistir uma hora ao cançasso. Deitei-me em Lx.^a regularm.^{te} ás 9 da tarde, e levantava-me ás 6 da noite, que os astrologos da aldeia chamam 6 da manhan. Isto não me absolve de ser um grande selvagem de que te peço desculpa.

Perguntas-me que livro meu está no caso de ser tradusido por pessoa de tanto nome e boas lettras como é o Snr. D. Fernando de los Rios. Sinceramente te respondo q̄ nenhum.

Tamanhas futilidades devem esquecer e morrer na lingua original.

Lembro-te que indiques a S. Ex.^a os bons livros portugueses que conheces.

O Innocencio marca pouco mais ou menos os preços que eu ponho á margem dos livros que queres vender. Ahi quem compra essas velharias é o Rodrigues do Pote das Almas; mas dá pouquissimo. Não lhe posso chamar infame judeu, por que nasceu gallêgo.

Os livros estão ao par com o credito português.

Os Diarios valem m.^{to} q.^{do} são procurados, e pouco se são offerecidos. Eu tenho m.^{to} disso a monte.

Se vais para o Brazil, acharás lá mais alto preço. Noto porém que te desfaças de Faria e Sousa q̄ ainda é estimado dos eruditos

Mandei-te entregar um cathalogo de livros q̄ ahí hão de ser arrematados em dezembro. Se queres ver o valor d'elles, vai lá. Hoje ninguem lê p.^a se instruir, meu filho. A falta de estudos classicos enfariou de todo o paladar desta mocidade que se contenta de ser admirada como ôca e inintelligivel. Ella tem rasão. A arte é longa e a vida breve. Vivamus dum licet bene esse, dizia Mestre Petronio que sabia viver e beber; mas tambem poetava admiravelm.^{te}.

Por aqui estou a rusticar no nabal e na horta da couve gallêga. D. Anna cria galinhas e canarios. Os pequenos tocam Zabumba, e o M.^{el} está ainda na cama queimado.

Dom.^o faz 3 annos que tu ouviste aqui pregar um missionario, q̄ te não edificou grandem.^{te}.

Peço os meus respeitos para tua Ex.^{ma} Senhora, e lembra-te do teu

velho am.

C. Cast.^o B.

(A publicação d'esta carta foi amavelmente autorizada pela illustre familia Vieira de Castro).

EXPEDIENTE

Por falta de espaço, somos obrigados a retirar deste número prosa de Albino de Menezes e de Tristão Dias de Aguiar.

Devido às férias escolares, «Ícaro» só reaparecerá em outubro.

No próximo número publicaremos uma carta inédita de Castilho.

Edições de "Ícaro," a aparecerem brevemente:

ALGUMAS RIMAS & SONETOS

por Cebral do Nascimento.

ADOLESCÊNCIA DAS FONTES

por Ernesto Gonsalves.

O SÊLO DA ALTA-RODA

por Luís Vieira de Castro.



CARO

: *Revista de Coimbra* :



2

15-NOV-19

"ÍCARO," Revista de Coimbra

DIRECTOR: Ernesto Gonsalves.

SECRETÁRIO E EDITOR: Luiz de Vasconcelos.

FUNDADORES: Cabral do Nascimento, Vieira de Castro, Alfredo Brochado e Cortez Pinto.

ADMINISTRADOR: Vicente de Gouveia (Rua Alexandre Her-
culano, 42).

N.º 2 OUTUBRO DE 1919 ANO 1.º

SUMÁRIO

Balada	AFONSO LOPES VIEIRA.
A propósito de Dante Gabriel Ros- setti	TRISTÃO DIAS DE AGUIAR.
Do «Poema da Tentação» e «Ironia Bucólica»	AMÉRICO CORTEZ PINTO.
No Bosque	ALBINO DE MENEZES.
Soneto	ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.
Máscara	LUÍS PINTO DE MONTEMÓR.
A Lenda das Jóias	ALFREDO DE CARVALHO.
Sonetos	CABRAL DO NASCIMENTO.
Diálogo numa noite de névoa	ERNESTO GONSALVES.
Heró: da Dor	FERNANDO CAETANO PEREIRA.

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser
dirigida ao director, Rua de Tomar, 3.

Preço: 250 reis



: BALADA :



NO eirado dum castelo,
por sôbre as marinhas águas,
chamei saudades e máguas
do meu amor triste e belo.

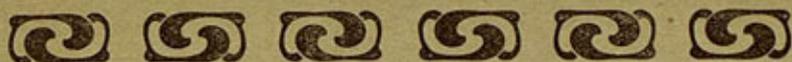
Eram saudades sem fim,
eram as máguas e a dor
que me déste um dia a mim
num filtro de morte e amor.

E quis, ó cheia de graça,
quási a morrer, e a chorar,
encher com elas a taça,
e atirar a taça ao mar.

O céu era todo azul
como o teu sorriso é loiro;
mas p'ra a balada de Tule
faltava-me a taça d'ouro.

À minh'alma então, com dor,
deitei-a p'lo mar além,
para depois dêste amor
nunca mais amar ninguém!

AFFONSO LOPES VIEIRA



: À PROPÓSITO DE :
DANTE GABRIEL ROSSETTI

NÃO há nada mais grato para os que epicurísticamente colhem no jardim da emoção as imagens voltuosas e serenas, do que recordar, de olhos semi-cerrados, aventuras paradoxais, que nunca se realizaram, e sonhos belos e encantadores. Assim, neste momento em que admirei a linha puríssima dum vaso etrusco, onde há um galbo de dança escultural, dentro de mim surgiu um novo ritmo, que perdura entre névoas, procurando definir-se em formas nítidas e harmoniosas. A primavera, que apareceu entre aromas, na ronda das horas amorosas, dá ao céu um anil esmaecido e todas as águas cantam, no germinal sereno, um elogio voluptuoso e sagrado. Por isso, na anciedade amorosa dêste momento, surgiu um desejo forte e apaixonado de beijar uma boca desenhada em curvas perfeitas, que eu nunca vi mas, dir-se-ia, já beijei em sonhos... E «The Beloved», a madona triste, de olhos verdes de balada e mãos longas de bênção, vem oferecer-me o veneno dos sonhos que nunca se realizam,— os sonhos que deixam em nós a saudade duma gloriosa posse nunca consumada...

Na verdade, eu nunca poderia evocar, como o espírito enamorado desta hora de serenas voluptuosidades, senão êsse

pintor mágico e peregrino que foi tecendo na névoa das côres esmaecentes e dos oiros góticos, a ância duma vida perfumada, religiosa, toda votada aos abandonos pálidos e aos beijos que agonizam extasiadamente. Para a minha sensibilidade de latino, que se compraz com as aparências elegantes e ordenadas, toda a obra de Dante Gabriel Rossetti é uma teoria lânguida de ritmos lânguidos, que esculturalmente vão manifestando, num albôr de madrugada venusina, a alegria doce de viver, como num sonho idílico, rezando as orações à beleza, ao amor e à perfeição. Em toda a obra do pintor-músico, que impassivelmente buscava o melhor ritmo dum gesto de oferta, eu só encontro, na alegria dêste momento primaveril, a jocunda e nobre elegância, o êxtase sereno, o melodioso louvôr, a florentina esvelteza das curvas e das atitudes. É um cantor de pastorais irlandesas que, por êrro, se encantou no desejo voluptuoso, sorridente, idílico, dos primeiros pintores da renascença italiana. Moitas cheirosas de lírios, que teem uma elegância enlaçada, perfumam todo o seu sonho. Os seus olhos, abrumados na tristeza das paisagens da chuva e da neblina, despertam à luz gloriosa, transparente, vibrante, de Florença, e o sonho místico da sua alma busca um equilíbrio luminoso na voluptuosidade meridional. Botticelli resurgiu neste pintor bárbaro e o desejo elegante e heráldico do artista da Renascença floresce em plena idade do *dollar* e da máquina. Mas em toda a sua obra uma fluída melancolia se espalha como um beijo de luar. Os relógios de sol atraem-no e a sombra das horas, manchando o mármore, fascina-o como a curva dum vôo imaterial. Os relógios de sol, que Maeterlinck louvou no seu estudo célebre, são como pombais donde fugiram todas as pombas. Eles nunca nos falam do presente, mas do passado, porque a leve sombra que os mancha é a saudade das horas sepultas. Na sua ância de perfeição, todas as curvas esveltas, melodiosas, desenvolvendo-se como ritmos perfeitos, parecem ser copiadas do sonho das lavaredas que sóbem, numa suspirosa elegância, para se abraçarem. Que extasiada serenidade a das atitudes das suas mulheres que presidem a um rito musical, desconhecido!

As mulheres de Dante Gabriel Rossetti, inspirando-se amorosamente no mesmo modelo duma gracilidade romântica, vivem num ambiente sobrenatural, fiérico, onde a luz entra

filtrada por tenuíssimos gazes, que a tamisam em velaturas doces.

Duma hierática beleza, cabelos longos e loiros, a boca onde todo o beijo deve ser uma prece, as longas mãos de colhedora de lírios, — a sua musa, como um sonho absorvente, aparece-nos em *Dreams Day*, na sumptuosidade voluptuosa de *Monna Vanna*, em *Dante's Dream*, em *The Beloved*. É uma madona pálida, de atitudes hieráticas, abandonando-se sempre num êxtase místico, lânguido, romântico.

Ainda pouso os meus olhos sôbre a *Mary Magdalene*, duma concepção primitiva e bela, a cabeça envolta duma auréola diáfana... Mas na nervosa inconstância da minha evocação, vou lembrando o que foi a época maravilhosa em que o luxo, o vício, a beleza atingiram o seu grau culminante e que estes anos de guerra, transformando o mundo material e espiritual, nos fazem parecer já muito longe. Dante-Gabriel foi um dos seus grandes artistas. Uma delirante, orgiástica beleza embriagava todos os artistas, e o riso báquico, ardente explodia por entre as taças de *champagne*. Essa hora máxima da civilização resumiu, numa síntese chamejante, toda a beleza, todos os encantos, o vício e o misticismo, a alucinação criadora. Foi a idade do luxo e da lavareda. A misteriosa e divina febre que, na Grécia, fez surgir a *Venus de Milo* e o *Discóbolo*, fecundou, no *avant-guerre* inquieto, o *Penseur*, e a *Pensée*, as páginas maravilhosas de Flaubert, a flama lírica de *Le Virgini delle Rocce* e a serenidade helénica do *Etui de Nacre* e do *Balthazar*. Oscar Wilde nesta época paradoxal, intensa, possuído duma loucura exibicionista, fumava o cigarro *à bout doré* dos seus paradoxos.

Uma febricitante e inquieta curiosidade perscrutava a beleza das civilizações mortas, desde o hieratismo egípcio até à melodiosa e nobre harmonia dos gregos. E dessa erudição requintada, dizendo o divino desejo de perfeição, surgiram um pessimismo pálido, uma elegância frágil, subtil, perversa, e o desânimo ante a inutilidade de todo o esforço redentor. Eram as mulheres seres andróginos e asexuados, que os costureiros vestiam a seu capricho como se fôsem bonecas que enlevadamente se sorrissem aos espelhos. Infantas amaviosas do

boulevard, paradoxais e fúteis, a vida modelára as suas mãos no geito de sorrir e de beijar, anelando-as de anéis de cristal e de ferro, numa ironia misteriosa. Como Salomé, usavam pulseiras de ouro e diamantes nos tornozêlos. Os seus corpos esculpiam-se numa elegância de ritmos enleantes. E as suas mãos, que o manicuro-pagem requintára eruditamente, como as mãos de Colombina amparavam a fronte dolorosa dos artistas...

Mas, para coroar dum diadema deslumbrante a época das maravilhas, bailarinas russas surgem nos bailados moscovitas, benzidos de Morte e de Além, religiosos e magníficos, e que sugeriam os salões áureos de Scherazada, todos floridos de lume; ainda essas bailarinas esveltas, esgalgadas, nervosas trouxeram à idade da lavareda um novo absinto de exgotante refinamento, pálidamente casando, com seus gestos melódiosos, o ritmo e a côr no mesmo milagre duma beleza desconhecida. Nunca, como nessa época alucinada, os homens conheceram uma beleza fluida, religiosa, perversa, que blasfemava da vida e, em paraísos de artifício, se alumiaava duma luz enigmática, absurda como a sombra duma seda na água dum espelho astral. Mas a guerra apareceu nesta orgia decadente como uma praga bíblica, um trágico castigo de Deus. *A Máscara da Peste Vermelha*, de Edgar Poë, repetiu-se duma maneira mais ampla e mais arripiante...

O momento de sacrifício e de contrição, que foi a primeira hora da guerra, trouxe consigo a revolta, a renúncia, o desalento, a expiação, um comovente acordar do espírito religioso, as virtudes remidas do Sangue e da Raça. No luto das paisagens evoca-se agora a alegria das pastorais. E as estradas ficavam cheias de poeira e de cinza e, como na Bíblia, os exércitos passaram como uma fatalidade apocalíptica, as casas ficaram derruidas, os lares, apagados «e os cálices, as púrpuras, os panos do ouro, os mares, fôram saquiados como despejo de batalha». Mas os anos aniquiladores da grande-guerra fecharam-se com uma explosão trágica de lavaredas. Uma nova idade começa e a antiga vida sumptuosa, paradoxal, magnífica, cheia dum fausto incrível, perde todo o encanto voluptuoso nesta parda desolação que vai por todo o mundo. Agonisa uma idade, uma beleza, uma civilização. Emudeceram as últimas vozes dessa orgia, onde se cantavam, no meio do fulgôr

de espelhos, as poesias perversas de Baudelaire e de Samain. (Catulo e Horácio estão quási esquecidos...) Um grande desânimo pesa sôbre tudo, a alegria fugiu da terra, levando consigo o riso que era a bênção da vida, o esforço libertador, o delírio criador e fecundo. Uma loucura aniquiladora que, depois desta guerra, destrói a Beleza e a Elegância, está a rugir com a violência dum vulcão reprêso. Em tudo a mesma atônita incerteza: nada indica, nesta hora de cinza e de melancolia, qual a estrada espiritual que devemos seguir, qual a fonte onde beber as verdades límpidas e purificadoras. Ah! como desejo, epicurísticamente, no abandono quieto das evocações, esquecer-me da trágica dissolução da nossa época, absorvendo-me numa beleza que parece abandonar o mundo! Neste momento, em que uma nova onda de bárbaros ameaça irromper, quantos artistas não repetirão o exemplo de Rutilius que, na hora da queda de Roma, cantava, em serenos versos, a latinidade pura e orgulhosa!

Março de 1919.

TRISTÃO DIAS DE AGUIAR.



: DO "POEMA DA TENTAÇÃO," :

VI

SUBIR ao Ceu é fácil para mim,
Que as águias teem ásas pra voar,
E os loiros que eu plantei no meu jardim
Metem ramos pra o Sol, prá Noite e pró Luar!

Subir sei eu! Ser alma e pensamento...
Assim descesse ao verbo e me fizesse ouvir...
Que agora o meu intento
É de saber descer tão bem como subir!...

Descer, mas tal e qual como Jesus :
Trazendo Deus em Si, nas Suas falas
E no Seu gesto, e em Seu olhar de luz...

Não basta erguer as ásas para os Ceus!
É necessario ainda que ao fechá-las
A dentro delas se recolha Deus!

: "IRONIA BUCÓLICA,, :

INTRODUÇÃO E DEDICATÓRIA

QUOS bons amigos :— o pensar é uma canceira
Que não vale para vós o esforço que a produz,
Por isso vou cantar os gados, a lareira,
O mar e a lavoira, as águas mais a luz...

Ides vêr neste poema descuidado
Cheirando a madre-silva, a terra e a maresia,
As enxadas cavando, e os sulcos do arado,
E as cartas que um Manél screveu a uma Maria...

Para escrever canções dêste feitio,
Dão-se férias à cabeça e ao nervoso,
Basta beber dum trago êste ar sadio
E deixar correr a pena que é um gôso...

Isto não é *sylva exothérica* — está dito
Mas sempre é bom fazer estes reparos —
Para os raros apenas não foi escrito,
Mas sim apenas prós que não são raros...

Isto é um poema feito num momento
— E feito de propósito para vocês!
Pegai lá — não precisais de ter talento
E basta saber ler em português.

AMÉRICO CORTEZ PINTO.



: NO BOSQUE :

GRAMOS os dois no bosque, eu e Sara, nesse julho antigo já para a lembrança como um sarcófago de lenda em que agora repousasse a saude de remotas juventudes, dormindo sôbre fôlhas sêcas de hera e musgo loiro cendrado, cada qual em sua barraca de ramos de árvore partidos, com frontespício branco armado em tenda alegre de campanha, comendo frutos silvestres e bebendo o licor creme que extraíamos do sangue de estranhas flores selvagens.

Essa vilegiatura ao ar livre, sequestrados ambos ao convívio da vulgaridade mundana de fidalgos e burgueses, dia a dia nos ia ofertando uma existência feliz. Todas as manhãs o galo argeliano, de pura raça árabe, comprado na viagem a qualquer vendedor de alados, ambulante, lançava ao ar a maravilha metálica do seu lindo canto gaulês. Levantávamos cedo, eu trepava às frondes vastas para lançar à terra os frutos do almoço, enquanto Sara em baixo os ia colhendo num cestinho branco de vime entrelaçado, que eu guardava em lembrança da Ilha da Madeira.

Um dia, cansado de viver com ela a sós, por tanto tempo, sem lhe haver forçado com delícia as virtudes da virgindade, lembrei, falando consigo junto à tília grande, como grato havia de ser, à impaciência do apetite insofrido, perturbarmos o repouso dêsse verão por um tumulto de amôr! E porque

não? Se ambos éramos novos e ali pessoa alguma lançaria, sobre a nudez do meu e do seu corpo, o olhar insidioso, porque motivo fazer o sacrificio de occultarmos um ao outro a energia latente no seio das duas vidas laias? Que ela se des-
pisse do amplo véu de vestes claras que lhe cobria o corpo branco, para assim me conduzir a revelar-lhe a minha carne morena... Ficou triste, um pesado aborrecimento veio deprimir-lhe a existência, apagando-lhe a alegria joiosa do olhar, e magoada, aflita como em presença de um monstro que alongasse para si a mão tentaculosa, desde logo um mal oculto lhe invadiu o risonho encanto de alma puritana. E uma ocasião em que eu regressava da vila, onde fôra buscar jornais para ter notícias do mundo, consegui perscrutá-la para além, distante, sobre um cômodo, doridamente a considerar a sua mágoa cristã.

Certa vez, porém, imprevisto desaire de um verão opalescente, a madrugada apareceu turva sob o crepe de um céu nuverinhado. A temperatura baixára muito, até o frio era outonal, agitava o vento as ramagens verdes das árvores, e o galo argeliano, dantes madrugador, retraído à mudez bronca de esfinge, mesmo se esquecera de cantar. A manhã foi nefasta ao prazer silvestre da jornada habitual por atalhos entre roseirais e olivedos, e depois, quási não houve canto de ave errante nesses lugares campestres.

Quando o meio dia chegou, enfim, como por efeito dum mandado de Deus castigando até a viuvez a terra em julho florente, todo o céu vestia luto. Subiam do poente, em espiral, como vomitados duma goela hiante de vulcão, fumos negros de cratera, irradiando no espaço, a difundir carbonizações de dor, fuliginosas. De nascente e outros lados, blocos amarelados de nuvens flutuavam, formando castelos sobre montanhas de nuvens mais pesadas, onde havia flancos, cristas e cabeços, a cada instante crescentes, num prenúncio aéreo de desgraça. Iam as azulinas placas do céu desaparecendo, à proporção que o tecido de fumeiros se tornava mais cerrado, fundindo-se às côres numa só opacidade enegrecida, a formar tôlido de Nankim, sobre a terra que parecia entrar atormentada em forçadas crises de martírio. Um momento apenas, encerrada a cúpula às portas do mistério, em tórno tudo foi triste. Estávamos como numa perfeita noite sem lumes, a noite que

uma nuvem formidanda, composta de mil nuvens errantes, trouxera ali nesse momento em que as próprias árvores se fundiam pela escuridão, través a qual poderíamos reconhecer, apenas pelo tacto, a fisionomia das coisas conhecidas. Sara, que ignorava os segredos da meteorologia, não sabendo como possível fôsse haver treva além da hora habitual, ao julgar que era noite, recolheu para dormir. Despira o amplo véu de vestes claras, e, estendida sôbre o leito de musgo e fôlha sêca, o seu corpo nú repousou. A cerração, como um rictus de mau-humor da natureza pôsto na face ampla do céu, era breve e corria lesta à maneira da própria tempestade que após si traz a bonança. De sorte que, pouco e pouco se esfumando mais ao longe, e depois gradualmente assim se difundindo como um fumo nas camadas fluidas do ar, das extremidades para o centro, a nuvem formidanda por completo se esvaiu. De novo a claridade solar a descer de alto inundou tudo dum fulgor de aluviões de tranças loiras, enrolando os caramancheis, os caules todos das plantas por encostas e valados, folharias e florações.

Adorável unção a dessa claridade, por virtude de cuja lucidez todas as coisas mortas e viventes seres do bosque adquiriam fulgurâncias de deslumbradora beleza. Era como se uma segunda manhã dealbasse ali naquele dia, agora mais plena de eflúvios que a primeira. Por sôbre a própria barraca onde habitava, o sol parecia distender em oirescências de infinitos filamentos as cabeleiras eternamente loiras de todas as minhas loiras amantes. Sara, habituada aos largos sônos reparadores da fadiga das jornadas à floresta, por certo dormia ainda, na ilusão de pairar por sôbre si a escuridade da noite. Dirigi-me à sua barraca pisando o chão levemente, curvei-me um pouco para ver, e com mão indiscreta abri uma fresta pequena na espécie de cortinado que fazia a sua tenda branca de campanha.

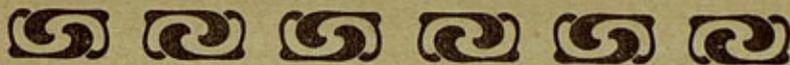
Estava nua: e essa nudez, branca sôbre o musgo loiro, dava uma lembrança qualquer de porcelana esquecida por alguém que ali passasse, abandonando-a aos acasos dum achado pelo primeiro viandante. Ajoelhei, percorri-lhe o corpo com a vista lentamente, contemplei-o assim mais uma vez, olhei depois ainda melhor, e, curvando-me até pousar-lhe os lábios rijos, estive a beijá-la com gôsto. Quando sôbre as

pálpebras cerradas a sensação do meu bafo a acordou, Sara teve um assombro ao crer-se envolta no ilusionismo fugaz duma visão, despertou entorpecida, e depois fitou-me mais. Quis fugir, pensou em que o chão se abrisse para esconder-se, voltou-se emfim de todo o lado. E por mais movimentos feitos não conseguia deixar de revelar a sua nudez delirosa. Agarrei-a com furor, tive-a quieta entre os braços como a uma criancita cuja turbulência acabasse na violenta mão dum gigante.

Estava também vencido numa luta em que sitiado e sitiante se haviam rendido a um tempo, e desde então, amigos como nunca até ali, ao trocar dôce dos beijos, em cada instante eu lembrava quanto a nuvem tormentosa fôra a mensageira duma felicidade perfeita, revelando-me, pelo milagre da tréva, o segrêdo da carne branca naquele corpo de amante.

(1916).

ALBINO DE MENEZES.



: SONETO :

CAVALGANDO parti à desfilada!
Ao deixá-la, cuidei que não podia!...
E agora, após a louca correria,
Vejo que a levo em mim transfigurada.

Ela comigo, sim, vai de longada...
E esta pastoral do fim do dia,
No ceu diluida em écos de elegia,
É o manto com que a levo agasalhada.

A estrada segue ao meio do planalto,
— Aldeias longe... sombras... solidão —
Mas o enlêvo domina o sobressalto!

O ceu é um véu de côres em fusão!
E eu, cheio de encanto, a terra exalto
E levo-a aberta em flor no coração!

Beira.

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.



: MÁSCARA :

CALVEZ não valha a pena ter saudades
Do nosso amor hipócrita, grotesco.
Vestimos de mentiras as verdades;
Tudo em nós foi amor carnavalesco.

Talvez não valha a pena recordar.
Que dizes? Mascarêmo-nos ainda...
Tu tens, amor, a máscara mais linda
Que um mascarado póde desejar.

Tudo entré nós parece que acabou.
Mas pódes crer, amor, que ainda sou
O mesmo para ti que fui outr'ora,

Porque não ter saudades de mentir?
Depois, nem toda a gente sabe rir
Convencendo, com lágrimas, que chora!

LUIS PINTO DE MONTEMOR.



: A LENDA DAS JOIAS :

A PRINCESA Ladiké morava num palácio bizantino flanqueado de tórres altíssimas e cingido por jardins de maravilhosas fragrâncias. Caramanchões de buxo muito espessos e antigos punham uma sombra de luto em toda a volta, que a espaços curtos frondes de rosas trepadeiras sulcavam em traços vivos de alegria luxuriosa : aos cantos do parque imenso os repuxos desferiam nas suas cordas fluidas cadências mórbidas de mistério e de angústia. Nunca à face da terra existiu um palácio igual a êste, onde morava Ladiké, a princesa das mãos intranquillas. As suas paredes, forradas com jóias de alto a baixo, flamejavam como policromos espelhos de oiro e de turqueza ; os seus tétos apainelados escorriam pingos de luz vermelha e sádica pelos ângulos perfurantes dos carbúnculos e no cimo das colunas de pórfiro pedrarias as mais bizarras exalavam scentelhas glaucas como as ondas em noites luarentas.

Pelos seus pavimentos brandos os topázios, os rubis e as safiras tintinabulavam como os colares nas gargantas morenas das bailarinas e eram em mór avondança do que as migalhas caídas dum banquete rico. A princesa das mãos intranquillas revia o seu corpo dulcíssimo de gazela, os seus membros frágeis como os juncos, e o seu rosto loiro como um lago de mel, nas imensas jóias que lhe iluminavam o palácio. Quantas vezes a adolescência de Ladiké, tentadora como um fruto de âmbar,

cantou vitória plena sôbre a pupila azul duma safira! Algumas paredes de tantas coralinas e ametistas, que nelas fosforejavam, pareciam tapeçarias de lume reverberando incandescências crúas de sedução superhumana. Era um palácio de fêria e de pecado, de magnificência e deslumbramento. Nunca lá dentro alguém vira morrer o sol.

Era sempre claro e sempre dia, porque o fogo dos berilos e dos braceletes, das gemas e das topazinas, excedia os lumes inquietos dos astros. A sensitividade delicadíssima da princesa criou requintes singulares de gôzo — toda uma liturgia barbara de vício.

Assim ela ora colava a boca estéril aos carbúnculos sensuais, rubros como gládios de batalha, e tinha a sensação forte de beber olhos de guerreiros; ora desennastrava os seus cabelos negros sôbre montes de esmeraldas e era como se uma túnica de luto caísse sôbre as vagas do mar.

Numa noite célebre a princesa quis mesmo fazer a orgia das jóias. Ah! o que ela sofreu por isso, nem eu o sei dizer! Os rubis, aos pares, enroscaram-se ás opalas cerúleas e os corindons uniram-se, crepitantes de desejo impuro, com as gemas. Houve contactos estridentes. Aconteceu a tragédia de mil virgindades vencidas. O deslumbramento subiu a intensidade tamanha e o prazer transbordou em maré tão acre nos olhos quentes e nêgros de Ladiké que ela esteve em riscos de cegar. As jóias traduziram nos seus fulgores todos os paroxismos e frêmitos de crise, que a torturaram. Que excessivas relumbrâncias as daquela noite de orgia, em que os berilos e as turquezas viveram a sua única hora de pecado e de volúpia! Quando a bela princesa encerrou nos cofres de marfim as jóias mais coruscantes, sentiu as suas mãos intranquilas acometidas duma côr vigorosa de incêndio, e os seus nervos quebrados por uma lassitude indefinida.

Vibrações irresistíveis de côr haviam laivado a sua carne. E entretanto no tronco das colunas os diamantes vulgares debruçavam-se á maneira de espelhos fiéricos ou abriam pupilas suaves de crianças scismáticas.

Ladiké nunca saía do seu palácio bisantino, flanqueado de tórres altíssimas e guarnecido por jardins de maravilhosas fragrâncias, visto que possuía dentro dele prazeres para os seus sentidos e emoções para a sua alma. Em horas de espi-

ritual intimidade, ela punha-se a conversar com o alto pelas harmonias dolentes da sua harpa de oiro; e as turquezas, empalidecendo de êxtase, lembravam rostos de emotivas e de místicas, transfigurados de enlêvo. No imponente palácio bisantino, o salão das opalas era contíguo ao das coralinas e ao das safiras, e a bela princesa preferia êste último para os momentos religiosos, em que ela se alava pela fé, porque, no seu próprio dizer, tinha a ilusão de estar no céu, entre turbilhonamentos de luz azul e entre ritmos de âsas brancas. Outras vezes, Ladiké sofria as suas crises pagãs e enamorava-se das coralinas — jóias que mais se assemelhavam a morangos do que a pedras: e dava-se isto geralmente pelo outono. Quando os campos e os longes se enodoavam de crepúsculo, e as árvores de ramos hirtos se confundiam com figuras estilizadas de renúncia e de vago, a êsse tempo a princesa das mãos intranquílias criava no seu palácio paisagens soberbas de poente. Eram as coralinas que lhe conseguiam êsse milagre.

O artifício corrige e emenda a natureza. Eu não conheço luar mais claro, fluido e sereno do que o luar que as opalas derramam. O firmamento de noite, quando os astros o cravejam, é o escrínio dum joalheiro visionário e pródigo, que os meninos adoram.

Ladiké — factó interessante! — no meio de toda a sua magnificência olímpica, dos seus espelhos e tapeçarias, das suas pedras e das suas riquezas, nunca se ornamentou com uma jóia, uma das suas milhares de jóias — nem sabia qual o poder de fascinação duma esmeralda sôbre um corpo desnudo de mulher. Distraía-se a ouvir os seus pavões, a scismar em velhas lendas de heróis e de amorosas ao som dos seus repuxos, e a aprender as elegias dos cedros altivos marcadas em adágio muito doloroso pelo vento undísono e, fóra disto, a princesa vivia com as suas pedrarias num estranho exílio de Artista e de Magnífica.

... Ora um dia entrou no palácio um guerreiro nómada de catadura fera e de inexcedível audácia: e tão rijamente sacudiu a enorme aldrava do portão de bronze, que no jardim os galgos latiram de pânico. Por onde êle marcava jornada, logo uma vaga de terrores incertos desenvolvia silêncios presagos

e a sua voz de tão reboante e sinistra punha até nas rochas marés vivas de horror. Assim falou a princesa Ladiké no mesmo tom metálico e crispante em que se dirigia, nos plainos e nos acampamentos, aos seus bandos de guerra: nem aquele cavaleiro nómada sabia falar de outro modo. As suas frases exalavam rescendores de voracidade sangrenta e êle batia-as nervoso na sua boca como notas bélicas de timpanos.

Nunca naquele palácio bisantino, flanqueado de torres altíssimas e guarnecido por jardins fragrantes, assomára um guerreiro semelhante. E, Deus! com que eloquência brutal, des-trambelhada e candente, êle uivára a sua tragédia! Era um génio dentro dum tronco massiço e gigânteo.

Nada o ofuscou a exuberância perdulária das jóias, coalhando os pavimentos brandos em mór avonança do que as migalhas caídas dum banquete rico. Também a sua tenda de chefe era assim, faustosa, relampagueante, deslumbradora. Também os alfanges recurvos dos seus companheiros de armas fulguravam nos lumes de milhares de diamantes e as suas auréolas reluziam só por si, como nunca reluziram as lâminas doiradas dos bravos nos prélios assírios. A indústria das jóias vinha de muito longe, não se sabia desde que época, e pensava-se que houvesse nascido na côrte preversa e suntuosa dum certo país heráldico entre palmares, campos de chorões e fontes sagradas.

A princesa das mãos intranquillas escutou as páginas do drama lancinante do nómada e teve-o, durante instantes convulsivos de crise, a soluçar alto com a fronte contraída e os olhos crispando como duas brazas no fundo dum turibulo.

«Por ventura já algures a viste?

O seu corpo refulge mais que o meu alfange mordido de pedrarias.

Se a topares, por aí, não te avisinhes, porque te abrasas nos lumes da sua formusura.

Eu corro o mundo em procura déla — ah! o meu tesoiro, o meu pomar de enlêvos, o meu santuário de marfim!

Pois tu não a conheces?

A sua fala é um incenso.

O seu corpo — a melhor criação de Deus.

Nunca a viste em verdade?

A curva da sua anca tem mais esvelteza que a curva dos crepúsculos sobre o mar.

A minha Mulher!

É a filha do Sol e das Ondas.

Aquela de corpo leve e tranças verdes, que já outróra me pertencera, que já tinha sido minha, sim, minha, apenas minha.

Ainda sinto no meu peito o sabor dos abraços — tantos! — que ela me deu.

Ainda me escalda os lábios o aroma violento dos beijos, em que o seu amor para mim se exalou.

Um revez de guerra tirou-ma dos braços. Mas eu posso lá esquecê-la!

Não descanso. Não durmo. Não voltarei ás festas do meu acampamento.

Já bati todas as florestas de cedros e entrei nos mais ricos palácios dêste país.

Hei-de reconquistá-la. Juro-o pelo Deus das batalhas — Aquele que sempre me foi propício.

E na hora em que de novo a possuir, o meu alfange retinirá a seus pés, submisso como um cristal quebrando-se».

— «Olha, filho do deserto, respondeu Ladiké, eu enxerguei ao canto do meu jardim, enamorada dos meus pavões e dos meus cedros, Aquela de tranças verdes que tu demandas. Foi na primeira noite de lua cheia. Se ainda a queres, volta a êste palácio amanhã quando sôbre a terra houver descido um silêncio de túmulo».

O guerreiro não coube em si de loucura e paixão. — «Ah! ó meu tesoiro, ó meu pomar de enlevos, ó meu santuário de marfim, amo-te perdidamente, cegamente!! —»

Horas depois, a princesa das mãos intranquílias, rendida e subjugada pelos acentos tórvos e másculos do nómada, media dentro do ginecéu discreto a virtude de algumas enganosas seduções e sucessivamente desfiou em imagem todas as que a

vulgaridade consagrara, sem que distinguísse qualquer delas. Eram na sua maioria banais, frágeis, descóradas e pouco transfigurativas de beleza. E meditou longo tempo até que a sua escrava subiu para lhe polir as unhas e doirar as pálpebras.

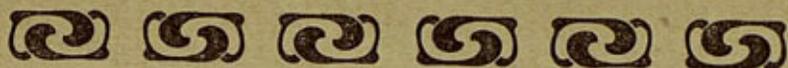
Ladiké reclinou-se languidamente na sua almofada de penas: mas uma surpresa relumbrante lhe agrediu as pupilas — é que, no tornozêlo da escrava assíria, o lume azulíneo duma safira desabrochou um alvorecer de beleza inédita. E Ladiké suspendeu-se a olhar o milagre numa atitude de alvorôço e de triunfo.

Ao baixar a noite em que o guerreiro prometera voltar ao seu palácio, ela quis pôr ao serviço dos seus desejos o novo artifício e instrumento ofuscante de sedução. E assim amarfanhadas as suas púrpuras, ciclas bordadas a oiro e musselinas revoantes, a princesa vestiu-se de jóias, enroscou córindons e esmeraldas na sua garganta fina, prendeu dois carbúnculos roxos dos seios, alagou as suas tranças negras numa espêssa poalha verde, e queimou os seus dedos longos num poente de anéis. Sôbre o peito moreno dançavam-lhe as chispas de muitos colares de ónix. As suas ancas retiniam sinfonias incríveis de côr e fogo. Toda ela escorria pelos membros um suor de luz. Era uma estátua policroma, tintinabulando jóias riquíssimas e coruscando lendárias fierias. Ladiké, na sua câmara forrada de espelhos, embalando-se sôbre dois coxins e semi-desnuda, refulgia mais do que o sol. A sua túnica de jóias sugeria aqueles mantos rútilos e diáfanos que as deusas antigas arrastavam sôbre as névoas do mar.

Entretanto ao fundo do parque latiram de susto os seus formosos galgos negros. Era o guerreiro. Quando êle entrou o deslumbramento esteve próximo de o fulminar e uma crise de alegria o dominou até aos meandros da alma, como se houvesse renascido para os seus beijos e para os seus carinhos a filha da Sol e das Ondas. Ladiké estendeu-lhe os dedos estrelados de pedrarias e anéis fúlgidos, e entre montes de turquesas crepitou um alfange reluzente, quebrando-se em estilhas finíssimas e agudas.

E o Amor da princesa viu ao seu lado o Amor desvairado do nómada vencido.

ALFREDO DE CARVALHO.



: SONETOS :

DOSTO que a tarde é lúcida e benina
e aqui, neste quintal, as murmurantes
fontes a hora embalam, e os descantes
das aves soam na ramagem fina,

porque me não assento? Tão divina
meditação requer inebriantes
colóquios de águas e pardais! Distantes
as nuvens vão, na mancha purpurina...

Sento-me aqui num banco. Certo dia
talvez os campos contemplando e as flores
neste lugar amantes conversassem.

Se tu estivesses, o que te diria?
Ah! como nunca discorri de amores,
pedia às aves que por nós falassem.

ADÓRO tanto êste lugar! e sei-o
quase de cór, que tudo olvido; e penso
muitas vezes, que o mundo vasto e imenso
é que anda ao meu redor, e eu fico a meio.

Outras cousas estranhas sonho e creio.
Consigno alhear-me. A névoa, qual incenso,
vem subindo do rio e é agora um lenço
de alvura e de perfumes todo cheio.

Não compreendo como há tanta gente
que ignora a minha vida, e está contente...
Doce paisagem, muito verde e em curvas...

E todas estas tristes ironias
componho-as a sorrir, olhando as frias
águas, que pelo rio descem turvas.

LDE colher as uvas dessa vinha,
luzentes cachos carregados de uvas!
Pretos, alembra mantos de viúvas...
Ide-os colher, oh namorada minha!

Fruta para a merenda de Rainha,
ide-a colher antes que venham chuvas.
Se tinge as mãos, calçai as mãos de luvas;
o tempo foge, o tempo foge asinha!

Olhai-me sempre: dêsse olhar derive
toda a harmonia, toda a confiança
com que se nutre só minha esperança.

Ambos nós temos faina de vindimas,
que assim é a vida e cada qual a vive:
vós a buscar as uvas, eu as rimas.

JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO.



: DIÁLOGO :
NUMA NOITE DE NÉVOA

*«Hortus conclusus estis, sôror mea
sponsa, hortus conclusus, fons signatus»*

CANTICO DOS CANTICOS.

AS tuas mãos estão perfumadas. Em volta de ti espalha-se um aroma exquisito como se acabasses de atravessar os prados das legendas católicas. Quem és? De que côr são os teus olhos? A névoa mal me deixa distinguir o teu vulto... Mas os teus passos, por entre a névoa, teem um ritmo solene e nobre. As tuas mãos estão perfumadas...

— Beija-me as mãos, assim! Quem sou? — que importa! Beija-me as mãos, os dedos, os pulsos... A névoa desce com vôos imateriais e doces, amortalha as árvores e os horizontes, é um brando jardim quimérico onde surgirá a primavera das estrêlas. A névoa desce sempre e sente-se, no seu irreal esplendor, que ásas de anjos andam espalhando aromas com seus vôos litúrgicos. Beija-me as mãos, muito! Esconde a tua face nas minhas mãos juntas...

— Eu andava passeando por entre a névoa, e encontrei-te. Mas não sei que sonho adormecente conduzia os meus passos alheios. Eu sentia-me triste, e sonhava neste cenário boreal e debruçava-me sôbre a fornalha ululante da Morte. Tinha o cérebro cheio de prodígios, minhas pupilas, embruxadas no

alborescente enlêvo da névoa, viam espectáculos de febre, uma derrocada sonâmbula de estrélas, altos repuxos de chama florescendo como rosais de maravilha... Debrucei-me sôbre a vida, e minhas mãos pendem agora num gesto de desalento e de desânimo. Ah! se visses o tédio que cai, como uma poeira sombria, sôbre a minha alma! Eu passeava por entre a névoa, e meus ouvidos, numa pálida beatitude, recolhiam uma música inefável, feita de ritmos fluidos e ondeantes, rimada em vôos de neblina inquieta. Nada me surpreende neste ambiente misterioso, entre o céu e o mundo... As árvores são fantasmas. E o silêncio é tão grande como se nele errassem sombras de estrélas. E tu apareceste enigmáticamente como numa aparição. A névoa é cada vez mais espessa, envolve-te como uma túnica mortuária. Mal te vejo, só sinto o perfume de tuas mãos caridosas...

— Abandono minhas mãos aos teus beijos. Não tentes conhecer-me. Falemos...

— Sôbre quê?

— Sôbre a vida, sôbre a beleza, nos teus sonhos...

— Sim, sim! Dir-te-ei tudo, os meus sonhos, os pesadelos de beleza, a anciedade tórva da minha alma, o meu desânimo, a lassa beatitude que me invade! Dir-te ei tudo! Mas a névoa desce sempre como se os jardins do céu lançassem sôbre a terra as flores nupciais e belas. A névoa desce e eu sinto que corre nas minhas veias, como um filtro de encanto, o veneno da morte e da quimera. Dir-te ei tudo, — o meu desalento, o meu desassossêgo... Caminho, pálido, na vida, sem coragem, sem nenhum impulso heróico. A vida é bela, concede tudo a quem sabe implorar. E eu bem sei que bastava, para que fôsse grande, único, revelador, erguer os braços, colher o pomo fecundo da tentação. Eu bem sei — mas sinto que uma doce corda de seda prende os meus pulsos, afaga os meus pulsos num aliciante abandono. Nada tento, nada busco, nada me surpreende! E esta indiferença por tudo, êste irónico abandono diante da vida e do meu destino, tem uma voluptuosidade que me embriaga como um licor.

— A névoa revela-nos a nós próprios, obriga-nos a fechar as pálpebras. Fala de ti, sempre de ti, egoistamente...

— O perfume de tuas mãos é como uma bênção. É um caridoso interêsse, o teu, de conheceres as minhas íntimas

turvações. Mal te distingo por entre a névoa — mas julgo que sempre me acompanhaste. As tuas mãos, cheias de perfumes, também conhecem os bálsamos que curam as feridas terríveis. Eu passeava por entre a névoa e meus pés arrastavam fôlhas sêcas, que exalavam um perfume de resina. Eu passeava por entre a névoa e sentia a vida correr ao longe, muito ao longe, como um rio macabro, rugidor, cheio de destroços. O meu passado resurgia todos os fantasmas mortos; mas, por prodígio da hora de névoa, as horas transcorridas não se apresentavam nítidas, antes as confundia com as horas de outros destinos. Sentia em meus lábios o gôsto de beijos nunca trocados. Fechava as pálpebras num êxtase porque, illusoriamente, julgava que, por entre névoa, uns lábios misteriosos andavam beijando as minhas pálpebras. Por mentira, lembrei-me que, num silêncio epitalâmico, atravessara prados bíblicos com Sulamite. A sua carne morena estava cheia de aromas e o ósculo da sua boca era um aroma mais embriagante...

— Sim, esconde a tua face nas minhas mãos como numa verónica perfumosa... A névoa cai cada vez mais. Como um óleo diáfano, o luar escorre na névoa...

— Na vida só o sonho é belo. Ah! deixa-me sonhar, deixa-me sonhar! A quimera purificou a minha alma. Um único ritmo nupcial, envolvente, sereno, assiste á nascença das horas do meu destino, mede-as numa música transfigurada, extasiante, que envolve a vida e a morte no mesmo beijo. Deante de mim a vida está envolta numa luz de assunção. Coroada de estrêlas, ela diz as palavras delirantes da promessa e do amor. Mas abandono as mãos num desânimo supremo. Tenho na minha alma a melancolia lânguida, comovida, doce, que acompanha a morte numa ilusão. Uma grande tempestade destruiu todo o meu jardim espiritual...

— Beija as minhas mãos, beija-me sempre...

— A névoa tem um encanto religioso. Beijo-te quasi com os olhos cegos... Envolve-me o perfume de tuas mãos e meus lábios, percorrendo as linhas perfeitas dos teus dedos, extasiaram-se nesse sedoso contacto. A névoa tem uma graça ascética. Beijo-te como em sonho, — em horizontes de encanto e de pesadelo. A névoa desce cada vez mais. Tenho-te em meus braços, corpo de penas e de mistério, e eu não sei se o perfume, que se esparze, é da névoa, ou do teu cabelo. A

tua bôca desfalece sob o meu beijo, desfalece como se rezasse. A névoa tem um esplendor luminoso: que maravilhosa aurora será esta?

— A hora breve da quimera, da ilusão, passou como uma sombra. Uma luz diáfana anda dispersando a névoa. A névoa desfaz-se, esfarrapa-se, — o encanto finda...

— Um vento ligeiro anda esfarrapando a névoa. Como fantasmas, surgem as árvores desgrenhadas. A névoa desfaz-se no silêncio, e uma luz leitosa, alborescente, dum irradição lunar, parece surgir. Tudo obedece ao mesmo destino frágil; esta hora de névoa, de mistério, de quimera, leva o perfume dos nossos beijos, as minhas frases alucinadas, os meus sonhos, talvez a minha alma. Como névoa, esta hora foge tenuemente. É mais diáfana a névoa, as árvores teem aparências transidas e medrosas. Como um grito, um cipreste desenhou-se sôbre o fundo alvacentos. Do mistério surgem as tuas mãos; os teus pés, calçados em sandálias de ouro e esmeraldas, fulgem como esculpidos em marfim. A névoa ainda te encobre diáfanamente, dando-te um encanto sagrado, envolvendo-te como um fumo ciumento. Brilha com uma luz estranha a lhama transparente do teu vestido. Oh! tu vens perfumada a nardo e a mirra! Oh! adivinho a tua beleza, virgem de idílio religioso! Tuas mãos concederam-me a bênção, a graça amorosa e transfiguradora. Mas com um brando alôr a névoa rarefaz-se em volta de ti. Tu surges encantadamente como uma aparição mística. A lhama verde do teu vestido esfarrapa-se nos teus joelhos como um fumo ritual. Teu perfil régio tem uma tristeza suprema — a tristeza de quem se debruçou sôbre a miséria e a beleza do mundo. A névoa envolve-te como num prestígio, — tu tens a atitude de quem vai coroar. Oh! não fujas; deixa-me beijar as tuas mãos. A névoa desmaia languemente. Uma estrêla floresceu na névoa...

ERNESTO GONSALVES.



: HERÓI DA DOR :

TERÁS depois a grande recompensa,
O prémio merecido do teu pranto,
Herói da dor que sófres, és um santo
A quem não falta o Amor, a Idêa e a Crença.

A tua vida foi assim intensa,
Cheia de lucta; e, como por encanto,
Saíste dela altivo, puro e santo,
Sem tédio, sem pecado e sem descrença.

Tiveste como guia a mão divina,
Que te guiou ao longo da campina
Onde as almas cobardes logo abatem.

Mas tu sofreste e foste vencedor;
Só grandes são as vítimas da Dor,
Bemditos, pois, aqueles que combatem!

FERNANDO CAETANO PEREIRA.

EXPEDIENTE

DA REDACÇÃO

Só publicamos inéditos.

«Ícaro» começa a publicar-se mensalmente.

DA ADMINISTRAÇÃO

Não aceitamos assinaturas, sendo avulsa a venda da nossa revista.

Pedimos a todas as pessoas a quem enviamos esta revista o favor de nos remeter pelo correio a importância de cada número.

Em via de publicação :

ALGUMAS RIMAS & SONETOS

por Cabral do Nascimento.

ADOLESCÊNCIA DAS FONTES

por Ernesto Gonsalves.

O SÊLO DA ALTA-RODA

por Luis Vieira de Castro.

SERÃO DAS INFANTAS

por Alfredo de Carvalho.

POEMA DA TENTAÇÃO

IRONIA BUCÓLICA

por Américo Cortez Pinto.

I CARO

: *Revista de Coimbra* :

3

"ÍCARO,, Revista de Coimbra

DIRECTOR: Ernesto Gonsalves.

SECRETÁRIO E EDITOR: Luiz de Vasconcelos.

FUNDADORES: Cabral do Nascimento, Vieira de Castro, Alfredo Brochado e Cortez Pinto.

ADMINISTRADOR: Vicente de Gouveia (Rua Alexandre Herculano, 42).

N.º 3

JANEIRO DE 1920

ANO 1

SUMÁRIO

Peixe de aquário.	EUGÉNIO DE CASTRO.
Estudo.	SIMÃO ESCÓRCIO.
Velando e Hora Mística.	ALFREDO BROCHADO.
À Deusa	MENDES DE BRITO.
Outôno.	ANTONIO DE PORTUGALE.
O Refugiado.	ERNESTO GONSALVES.
Soneto e Sonetillo	CABRAL DO NASCIMENTO.
Os Modernos	JOÃO AMEAL.

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser dirigida ao director, Rua de Tomar, 3.

Preço: 300 reis



: PEIXE DE AQUÁRIO :

— Sois charmante et tais-toi
BAUDELAIRE.

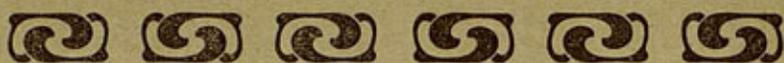
NA água límpida e fria da redoma
Move-se lento um peixe que parece
Feito de nácar que espelhado houvesse
As labaredas ruivas de Sodoma.

Ao vê-lo, a doce Pirra d'áurea coma,
Dessa côr uma túnica apetece,
Diz:— «Que estúpido!» e no cristal revê-se
Da boceta em que traz lânguido aroma.

E eis que Petrónio atalha:— «*Quererias*
«*Que fosse outro Demóstenes? Que mingua*
«*De sizo tens! Elege-o por modelo,*

«*Voluptuoso encanto dos meus dias,*
«*E repara, travando mais a língua,*
«*Que a sua missão única é ser belo!»*

EUGENIO DE CASTRO.



: ESTUDO :

PÔSTO que eu não usasse da filosofia de Pangloss, o meu espírito era calmo e assossegado e recebia com naturalidade as coisas mais adversas do mundo — se é que as coisas do mundo chegavam ao meu recolhimento sibarita de erudito frade humanista.

Morava eu numa velha quinta monástica, plantada de loureiros, a cuja sombra perene me comprazia na leitura de saborosos clássicos portugueses, em certo banco de pedra ladeado de ingénuos azulejos. Quando o meu olhar se fatigava das páginas amareladas, pousava-o sôbre a frescura daqueles tôscos desenhos, quási todos referidos a episódios do Velho Testamento e com sua elucidativa transcrição latina. Não era raro ouvir-se um pássaro que cantava entre a folhagem rumorosa e espessa, través da qual o sol punha manchas ondeantes sôbre a relva. Hermínio, um cão de raça, fitava as orelhas e escutava em silêncio; e como eu o incitasse a caçar, com palavras familiares, êle erguia-se inquieto, uma pata no ar, a cauda em pluma — nessa atitude heráldica dos animais de escudo.

Passavam-se assim as horas e os dias, emquanto a minha alma, como em sanatório de repouso, se refazia dos tempos agitados e vividos no convívio inquietante dos homens.

Porque fôra eu ter ali, decerto me não lembrava já bem. Uma enfermidade perigosa, um mês de febre, longas semanas

de uma convalescença indolente... E como, no final das grandes doenças, a nossa imaginação trabalha! Recostado numa cadeira de vêrga cheia de almofadas, eu assistia aos poentes maravilhosos dêsse outono benigno e suave, meus olhos semi-cerrados e os joelhos sob uma coberta de lã: e logo, por um oculto poder evocador, certos incidentes fúteis da meninice: um jôgo de arco brincado nas alamedas de uma quinta, uma quermesse cheia de lumes, uma viagem pelo mar, — tudo isso vinha-me subitamente à memória, mas sem esforço e sem desejo, como uma bôlha de ar que se desprende do fundo dum pôço e assoma inevitavelmente à superfície.

Sentada perto de mim, silenciosa e hierática, uma mulher velava constante. Enfermeira solícita das horas graves, Sórora Marta gostava agora de ver o pôr do sol daquele alpendre coberto de madre-silvas e glicínias.

E muitas vezes eu sentia as suas mãos compondo-me as almofadas, ou então admirava-as pousadas sôbre o regaço, brancas como açucenas de armorial, aristocráticas como duas pombas nupcias.

Ao sexto mês da minha reclusão, quando pelas manhãs frias de inverno me erguia do leito, muito cêdo, e vinha passear para os jardins, já de toda a saude a mim tornara, e rijo e bem disposto me sentia reviver. Haviam emigrado as rôlas, que outrora voavam entre os altos ramos das araucárias. Silenciosa era agora a cêrca aonde o lago enverdecia de lôdo e onde o repuxo ainda desfolhava a sua corola de águas, como o último crisântemo da estação. Orvalhados da chuva, os cedros espalhavam em torno um acre e húmido perfume, pesadamente tombando da rama encarapinhada. Sórora Marta voltára ao seu convento, em terras estrangeiras, e a essas horas matinais de névoa por certo andava já na sua faina de jardinar, cuidando das plantas que haviam de florir no exíguo claustro sem luz.

Hermínio corria dum a outro lado, farejando, ou então estirava-se a uma nesga de sol, em quietitude beatífica. Assim chegou o dia em que me aparteí daquela casa de tão soléne memória, episcopal e vetusta, e de cujas estreitas, líricas janelas tombavam flores encarnadas de gerânios. Mas como

quer que o destino dispusesse, cêdo me haveria de lembrar de tudo aquilo, porque não há nenhum incidente na vida que se não repercuta e se renove nela, como o golpe vibrado na casca duma árvore faz melindrar e sofrer a mesma árvore.

Tendo voltado por esses dias à capital e estando no hotel a desfazer as malas, saltou-me à vista um pequeno maço de cartas, documentos de uma misteriosa correspondência que entretivera, a quando convalescente, com alguém que eu nunca chegára a conhecer. Vejamos o enigma: no terceiro dia em que passára a tarde no alpendre, à hora evocadora e mística, Sórora veio trazer-me uma carta lacrada a prata e de ignorada caligrafia e proveniência. O sol desaparecera momentos antes, laivando de um fino ouro os montes recortados. Ela foi então buscar-me um candieiro de quebra-luz verde, a cuja claridade decifrei a epístola estranha. Ah! que embaraço infantil se apossou da religiosa quando eu lhe murmurei mui baixo, quasi em segredo:

— Irmã Marta, sabe? É uma carta de amor.

Ela disse:

— É suave para um convalescente, Simão.

Suave e inquietante, porém! Se com efeito me desvanecia a vaidade, também era certo que o meu vão orgulho se assustava e constrangia perante a estéril prova dêsse amor. Pois resultava inútil toda a carinhosa, anelante, perturbadora prosa ali escrita. Quem era essa mulher? Onde vivia? Sórora Marta não soube dar-me explicações, e bem enleada ficou com as minhas confidências.

Mas no dia seguinte e à mesma hora, ouvi a religiosa subindo alvoroçadamente, vinda do lado do portão da quinta. E logo no seráfico sorriso que me mostrou eu adivinhei o que seria esse papel que em sua mão apertava. E li com desvaio, e sôfrego!

Se a primeira fôra uma declaração recatada, quasi medrosa, a missiva que eu acabava de receber tinha já um leve encanto de intimidade. E depois, uma indicação, em *post-scriptum*: pedia-me resposta, pelo correio, para a posta restante, tais e tais letras... E foi dest'arte que eu compus, na

mais cuidada prosa dos amantes, uma extensa, significativa carta — que Marta se prontificou a levar à mais próxima estação postal. Nos dias em que não recebia nada, entretinha-me a conversar com a religiosa sôbre o assunto palpitante. E eram perguntas sem nexos, suposições, receios.

— Diga-me Irmã, em que irá isto acabar?

Ela, com um ligeiro rubôr, húmidos os lábios como um fruto de inverno, sorria-se pacificadora e maternal. E com sua conversa casta e subtil, as mãos escondidas na dobra do corpete, os olhos baixos, animava-me a continuar aquela correspondência começada de tão insólita maneira, mas com recato — e «até ver».

Porêem dias houve em que as epístolas eram incendidas ora por um amor vulgar e profano, ora duma chama arcan-gélica e quási ritual.

Lendo-as, a meia voz, eu tinha embargos súbitos, parava. Ela, a Irmã, detinha-se também com a respiração suspensa, nervosa e apreensiva — a prescrutar-me com uns olhos estranhos e desconhecidos, onde passava por vezes, no escuro das pupilas baças, a claridade azul dum relâmpago. Eu gozava a sua inquietação, atribuindo-a a cuidados pela minha doença, ou puros receios cristãos. E gostava de profanar os seus ouvidos afeitos ao murmúrio das ladainhas; e era vaidoso por desdobrar-lhe perto das narinas, habituadas ao halo sacro dos incensos litúrgicos, o vão e mundano olôr das violetas.

E as minhas respostas? Eu sei lá!: escritas sôbre o joelho, respigadas e emendadas durante todo o dia, eu próprio as recitava à pobre Marta, que solicita e cúmplice mas levava para o correio. De tal guiza que decorreu um mês sem que me eu apercebesse da debandada das andorinhas.

Assim nêsse quarto de hotel, ao desarrumar as malas, o maço das cartas me chamou logo a atenção. Desatei o laço de sêda que o prendia, percorri uma ou outra com a vista, fugidamente. Afinal, que significava aquilo? Fraude? Brincadeira? Drama? A última, que pôs ponto final no episódio, alegava uma viagem muito próxima com uma ausência muito longa — e mandava suster a deliciosa permuta. De resto, tinha coincidido com a partida de Marta, e, como ela fôra a

alma instigadora das minhas respostas, dos meus pensamentos e resoluções — a sua saída iria prejudicar grandemente o meu entusiasmo, caso a correspondência continuasse.

Mas com as andorinhas, Irmã Marta voltou. Não o soube logo porquê, e a notícia que tive foi por carta recebida da quinta, onde uma velha criada me pedia a comparência nos próximos dias da Páscoa.

Fui. Encontrei os loureiros mais verdes, os pardais mais retoçantes. Herminio veio ao meu encontro, agitando a cauda. Máxima, a velha serva, chorava de alegria. Contou-me ela, a boa mulher, como Sórora Marta voltara àquela região: uma tia octogenária, paralítica e surda, morria finalmente na sua casa apalaçada, nas vizinhanças da minha quinta. Marta, sabendo isso, deixara o convento por uma noite chuvosa e feia — e, dias depois, entrava em terra da pátria.

A tia morrerá, por completo... E ela ficára na casa da defunta, as contas do rosário passando entre os dedos finos, os olhos secos e febris, e os beiços voluptuosos movendo-se em orações de propíciosos ritos.

Uma tarde, estando a aparar um renque de buxo, com Herminio deitado à minha sombra bemfazeja, entrou de me invadir uma impaciência tal que deixei cair a tesoura enferrujada, acordei de susto o cão, que me olhou com humanos olhos de espanto — e fui visitar, na sua morada senhorial, Sórora Marta do Coração de Jesus.

Ela estava sentada ao balcão, de agulha e dedal de prata, como Santa Iria, e levantou os olhos do bordado, com surpresa. Falámos de coisas frívolas. O sol, muito quente, anunciava chuva. Subia do horto, naquela tarde pascal, um aroma dulcíssimo de heliotrópios. Aquela casa tinha mais harmonia e sedução que a minha, e não fôra acrescentada, como a outra — onde duma abadia ou coisa parecida se fizera uma vivenda agradável, com alpendre e jardim de inverno.

Após um silêncio, eu disse:

— Vejamos, Irmã, o que conta fazer agora?

— Doar esta casa aos pobres, voltar para o mosteiro.

Ficámos então calados, frente a frente.

Na minha volubilidade de conversador, tornei daí a pouco :

— Lembra-se daquelas cartas que eu recebi durante a convalescença ?

Ela fez-se vermelha e picou-se com a agulha. A seguir, serenando :

— Ha-de mas dar, Simão. Conheço já a sua autora, é mistér que lhas entregue. E perdoe-lhe, meu amigo. Foi uma loucura de momento, que passou. Agora, no convívio do Senhor, o seu pecado será diminuído...

— Mas... essa senhora vai professar? Quem é, diga-me quem é!

Marta volveu :

— As cartas ?

— Tenho-as em casa.

— Ha-de mas dar.

Reflecti, concordei. E distraído :

— E as minhas ?

Então ela ergueu-se, fitou-me com um olhar onde já não havia chama nem calor: um baço olhar côr de cinza. Suas mãos tomaram as minhas, perguntou-me :

— Jura-me guardar segredo ?

— Juro.

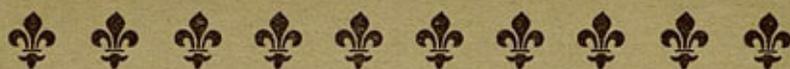
E Sórora Marta entrou em casa e voltou pouco depois com um embrulho de cartas na mão. Deu-mas, e nas suas pestanas havia gôtas de lágrimas.

— Mas... quem era ?

— Era eu, apenas.

Nessa mesma tarde mandei-lhe todas as ardentes epístolas, em cujo lacre prateado não me admiraria ter visto o campo de escaques dos Alcoforados. Mas certo é que à nova Mariana não mais tornei a vêr, ela que passeia talvez, a esta hora, no exíguo claustro românico onde um repuxo, entre cíperos, desenvolve a sua harmonia embaladora e sempre igual...

SIMÃO ESCÓRCIO.



: VELANDO :

NOITE calada! Como num lamento
A voz das cousas ponho-me a escutar!
E ela vai, vai subindo ao Firmamento
Num murmúrio constante a soluçar.

Noites de Outôno, como chora o vento!
Noites sem 'strelas, noites sem luar.
Noites de Outono, soís o meu tormento;
Tombam as fôlhas, ponho-me a chorar.

Noite morta! Lá fóra a ventania
Passa rezando estranha litania
Como sinos dobrando ao entardecer.

Vento de Outono, dolorido canto,
Unge meus olhos, deixa-mos em pranto
Para que eu chore sem ninguem saber.

Amarante — Outono — 1918.

: HORĀ MÍSTICĀ :



HÁ dias, quando eu fui pelos caminhos,
Da aldeia para onde vim, ao dar trindades,
De mãos erguidas como os pobrezinhos,
Com os meus olhos cheios de saudades;

Há dias quando eu fui nem sei para onde,
Entre lírios e tristes açucenas,
Às horas em que o sol de nós se esconde
E repicam os sinos às novenas;

Há dias quando eu fui na tarde exangue,
A rezar, a rezar pelo Senhor
Faziam recordar gôtas de sangue
Os derradeiros raios do Sol-pôr.

E nessa tarde angustiosa e estranha,
Com os meus olhos já semi-cerrados,
Eu fui-me como vão os namorados,
Buscar alívio ao pé duma montanha.

Bem dita sejas, tarde dolorosa,
Tarde da minha fé e meu desejo,
Branda como uma pétala de rosa
E como o aroma dum antigo beijo!

Serra do Marão
Setembro de 1919.

ALFREDO BROCHADO.



AO MARIO SÁ

: A DEUSA :

(Pequena fantasia)

I



HÉ! Ohé!

— Não me reconheces tu?

— Eu te reconheço e te admiro. Não és tu uma Deusa?

Não usaste tu outrora na Hélada, um alto elmo de bronze reluzente, sôbre a tua fronte tranquila? Perdeste já a lança que usavas trazer na dextra? E a serpente?

Não trazes tu, presa a ti, como por encantamento, a Serenidade Divina e a Força, nas dobras langues do teu claro manto que é mais claro que o Sol da Ática?

Não és tu uma Deusa?

— Tive um templo, tive. Chamaram-me Palas Athenêa.

— E o que fazes, perdida nesta floresta, na intimidade dos troncos e dos ramos?

— Ando errante.

II

Caminhámos nas fôlhas sêcas, sob a ramaria coeva do bosque encantado. Não ia em alvorôço a minha Alma, pois que em verdade me não era estranha aquela Deusa de passos nobres que eu olhava de soslaio.

— E agora como te chamam?

— Razão.

— Tu? O quê! Mas os homens, *ab initio*, te procuram e tem feito por ti loucuras e revoluções.

— Os Homens? Conheço-os. Estão ali em baixo numa Dança, com vinhos e ramos e corôas de loiro. Clamam pelo

meu nome mas não me aceitam lá porque a minha voz é fria e pesado é o meu manto. Queres tu ir vê-los?

— Os Homens?

— Estão ali, numa clareira, onde nunca bate um raio de Sol...

III

Os nossos passos rondaram pela solidão inefável do bosque encantado, sob a ramaria sedenta, na musculatura dos troncos, onde amarelecem musgos de legenda.

— Vê-los tu?

— Confesso-te, ó Deusa! Naquela clareira onde nunca bate um raio de Sol, o que eu só vejo é Confusão.

— Creio bem que os teus olhos não serão capazes de ver com aquela Divina Clareza dos moradores do Olimpo — porque Vós, os Homens todos, tendes as pálpebras cosidas e as pupilas tortas.

E logo a Deusa se aproximou de mim; eu estendi timidamente a cabeça e enquanto Ela me descosia as pálpebras e punha nas minhas pupilas uma fásca nova, eu sentia o calor olímpico do seu seio e toda a minha lamúria dolorosa era que aquela Deusa tivesse uma tal severidade no perfil inalterável da sua fronte; e eu ali naquela floresta, sob aquelas mudas árvores, por onde não passara viv'alma — e sem poder sequer tocar-lhe o manto.

— E agora? Vês tu a Dança?

— Oh, maravilha! Vejo tudo bem! Eles dançam como doidos!

— Erraste tu! Não são doidos tal. Estão todos bêbedos.

IV

Com sinceridade o vou dizer: A Dança que a Deusa me indicava, com o seu olhar sagaz, era uma Dança horripilante de delíquios e de deboches.

Brilhavam por entre os ramos alheados, as scintilações de um grande Sol, alto e fatídico, do feitio dum cardo-negro de melancolia que com um triste reverbero rôxo iluminava a Dança, matraqueante e desinvolta, donde se erguia, como um volátil eterno, um *brouhaha* profundo e misterioso.

E eu, então, gritei:

— São piores que o próprio Bacchus!

E logo a Deusa disse:

— Tem juízo, tu! Bacchus, eu conheci-o. Foi um deus jovial e de bom gosto que se emborrachava, sim, mas com os mais saborosos nectares da Etólia ou Samotrácia. E os

Homens que tu agora vês lá em baixo na clareira onde nunca bate um raio de Sol, êsses — oh Zeus! — embriagam-se com tudo: Vinho! Agua! Lama! Ou unto!

V

- E que Dança! É sempre o mesmo?
— Gostas?
— Não. O que achas tu?
A Deusa disse:
— Esse can-can idiota que tu vês lá em baixo na clareira onde nunca bate um raio de Sol, faz estremecer os meus nervos finos de Divindade. Os Homens?
Conheço-os. O que posso eu? Não temos familiariedade!...
— Como se chama a Dança?
— Vida.
— Dize tu, ó Deusa: E os comparsas como se chamam?
— Mercadores. Vês tu aquele?
— Vejo-o. Coxeia e de mulêtas! E tem os ombros cobertos de chagas que Êle oculta com uma rêde.
O que faz Ele?
— E um Físico. Cura!

VI

- Vais-mo tu dizer, ó Deusa: E êste com uns pés enormes, quem é? Sabes tu?
— É um Rico. Ninguém lhe sabe o nome.
— E não tem crâneo?
— Não lho vês tu sôbre os ombros, volumoso como um grão de ervilha?
— Devo dizer-te, ó Deusa: Êste efêbo que se roja, não o compreendo! Tem dois corações em vez dos olhos — em vez do coração tem um ôlho?
— Ah! Tu o conheces, sim! É um Amoroso.
— E aqueloutro para quem todos sorriem e sempre a vêr-se num espêlho!
— Chama-se o Filântropo. Nome esquisito; veiu do Grego.
— E aquele, tão severo e venerável, como um velho Filarca de Atenas? Não notas tu que Ele se esforça para vêr no Infinito — e são mais pequeninos os seus olhos que duas bagas de pimenta?
— E um Filósofo. Conheço-os. Sim! Êles veneram-me. Erguem-me altares — queimam-me incensos. Porém, oh Zeus, não são de confiança! Embriagam-se muito.

VII

— O que é aquilo? E não tem pernas? E sobre a cabeça uma corôa de oiro que lhe vai tão mal?

— Não te rias tu! E' um Rei.

— Conheces tu aquele que dança, corcovado, com uma lanterna na mão? Não o vês tu? Tem as órbitas furadas! O que procura?

— Não sabe.

— O que sabe, então?

A Deusa disse:

— Ele sabe que não sabe.

— E chama-se?

— Sábio.

VIII

— Como? Não vês tu aquele? No lugar da cabeça tem uma labareda?

— Tranquiliza-te tu — porque não queima.

É inofensiva a labareda: E' um Patriota.

— E este ancião de longas barbas?

— E um Sacerdote.

— O que tem Ele no copo de oiro?

— Um óleo.

— Como?

— O Oleo da Eternidade.

— E Ele bebe-o, portanto?

— Não vês tu que não tem bôca!

— Esta creança que tem o crâneo leve como um *papyrus* e a língua comprida como uma fita e que a tudo se lhe enrosca, oh Zeus, como pode Ela dançar?

— E' quem dança melhor!

— Por Juno! Qual é o nome?

— Mediocre.

IX

— O Deusa! E não vês tu? O que é Aquilo, sobre altares que êles adoram, de mãos postas?

— E' o Eterno-Ídolo.

— E Eles adoram-no, inflamadamente?

— Se tem a beleza duma ânfora...

— Ânfora? O Deusa! Que tem dentro?

A Deusa riu, prolongadamente

— Nada. Ou quasi nada.

— Que vão Êles lá beber?

- Um perfume raro.
- Como se chama?
- Amor.
- E o *bibelot*, ó Deusa. Chama-se?
- Mulher.

X

— É esquisito, ó Deusa. Não reparas tu? O que é que serão uns bichos, caprichosos como aranhas que Alguns teem, à roda, no pescoço agarrados como ácaros — e que Eles tanto ocultam com um pano?

— E numerosos?

— Sim.

Muito simplesmente, a Deusa disse:

— São os Vícios.

XI

— O que eu encontro de mais fantástico em tudo isto, ó Deusa! é que é monótona a Dança — à roda, à roda.

— Eles estão bem contentes. Não crêem nisso.

— Porque não lhes falas tu?

A Deusa riu:

— Por Hera! Gostam lá de ser importunados.

Se vou para Eles, fujo! E deixo atrás de mim poças de sangue.

XII

— O que é isto? Um dragão enorme? Faz-me medo!

— Não te inquietes tu! É animal doméstico.

— É horroroso! E come sempre?

— Sempre! E de cada vez devora um Homem.

— Apavoras-me. Dize tu. Que é?

A Deusa disse:

— Eu, por mim, não sei. Eles chamam-lhe a Morte.

— Ó Deusa! Como se pode então dançar assim, tão perto das fauces de um tão medonho animal?

— Não acho eu grande coisa. Habituará-se.

— E aquele ali tão perto que em vez do coração tem uma bolsa?

— Vejo-o.

— E a bolsa o que tem dentro?

— Dracmas.

— Muitos?

— Muitos. Conhece-lo tu?

— Não dança mal. Quem é?

— Um Agiota.

XIII

— Ó Deusa! Como se chama aquele que em vez de mãos tem dois crâneos? E em vez de crâneo tem — sei eu lá o quê?

— Sofre muito o Mau-Humor. Chamam-lhe o Grande-Homem.

— É estranho aquele, ó Deusa! Como se chama o Gládio Forte que tem na mão?

— Vontade.

— E êle em que se ocupa, sabes tu?

A Deusa riu:

— A triturar uma rocha com a cabeça.

— Eh, divino Zeus! E qual é o nome?

— Persistente.

XIV

— Por Zeus, ó Deusa! E não vês tu Êstes que se mordem como cães danados?

A Deusa disse:

— É banal! São dois Confrades.

XV

— O tal dragão doméstico devora-os, ó Deusa, com uma regularidade que é de arripiar. Mas não acabam nunca! Brotam duma Fonte, ali ao lado. Como se chama a Fonte? Sabes tu?

— Fonte da Vida.

— Fonte da Vida, ó Pythia! Vais-me tu dizer o que é?

Pelo olhar suave da Deusa roçou uma asa de tristeza:

— Por Ares! Que não sei.

XVI

— Não reparas tu? Que é que tem todos dentro do peito — e que se vê tão mal através do manto?

— É uma Chama com duas Asas.

— Que nome tem? Sabes tu?

— Eles chamam-lhe Alma.

— Por Zeus, ó Deusa. Alma! Que é?

— Eu, por mim, não sei. O sábio Minos diz que Ela é Fogo ou do Céu ou dos Infernos. Basílio, que é Santo, diz que ela é Imortal. Sócrates diz que Ela é Imortal. Aristóteles,

que não é Santo, diz que Ela é Mortal. Esse outro sábio Origenes, diz que se Ela habita um Peito-Mau, Ela será Diminuida e até mesmo Imperceptível. Plotino e Eusébio de Cesárea dizem que Ela é Imortal. E Platão ensina que ha ainda Outra na Cabeça e Outra no ventre.

— E tu, ó Deusa! Que dizes?

— Por Deus, te digo! Não atinjo bem.

XVII

— Ó Deusa! Êles dançam como doidos!

— Não são doidos tal. Estão todos bêbedos.

— E não te ris tu d'Eles?

— O divino Eretheneu! Por verdade te digo! Os que tu vês lá embaixo na clareira, onde nunca bate um raio de Sol, a mim me não veem Eles, nem o Riso nem a Dôr.

— Quantos Homens tem a Dança? Sabes tu?

— O divino Eretheneu! Não to posso eu dizer; são numerosos como os ratos.

— E aqueles, ó Deusa! Quem são aqueles que comem, comem tranquilos, de bruços numa gamela e tem um ar embrutecido como orangos?

— Não os conheces tu? São os Felizes.

XVIII

— E aquele? O que dança com um sorriso e junta os pés às mãos. E tem o coração mais frio que as águas do rio Cidno. E as unhas mais aduncas do que foices?

— E tem as mãos mais espalmadas e nervosas que tremelgas?

— E os pés mais duros do que os seixos?

— E as Asas irriquietas?

— E a Chama mais mortíça do que um pavio?

A Deusa disse:

— Chamam-lhe Político.

XIX

— Não vês tu, ó Deusa! Aquele? Tem a testa mais estreita que um papel.

— Não te rias tu.

— Quem é?

— É um devoto da Rainha Lógica.

— É o outro?

— O outro? Tem um nome mau. Chamam-lhe o Hipó-

crita — porque Êle conhece perfidiosamente o mistério de Todas-as-Côres.

— O Deusa! E aquele?

— Cheio de vento?

— E tem a cabeça dentro do próprio ventre?

— Crê-se o centro do Mundo.

— O Deusa! E não te parece que o seu crâneo é escandalosamente insignificante? Quem é?

— Um Orgulhoso.

— Por Zeus, ó Deusa! E êste que tem um grande coração de ferro? O que tem na cútis? parece musgo amarelo...

— E o mêdo à flor da pele. Chamam-lhe Herói.

XX

— E aquele outro que tem o corpo coberto de farrapos — e nos seus olhos um brilho feliz?

— Conhece muito bem os Homens. Chama-se o Vagabundo.

— Êsse outro que vai com Êle de mãos dadas e tem a espinha mais curvada que uma foice — e nos seus olhos um fogo angustioso?

— Chamam-lhe Mendigo.

— O que bebe Ele da Taça-Negra?

— Um liquido estranho.

— E chama-se?

— Ódio.

XXI

Ó Deusa! Aquela Velha, não a compreendo. Vive então ali numa jaula e com grilhões de ferro, aos pulsos?

— Não te rias tu, é a Matrona.

— E Eles não a utilizam?

A Deusa disse:

— Não sabem como.

— De que vive Ela, sabes tu?

— Dalguns cadáveres.

Mas Eles fazem-lhe, em honra, tríduos e bacanaís!

A Deusa riu, prolongadamente:

— O mortal filho de Eros! Pois não vês tu que Ela é que é dentre Eles — o Alto-Idial?

— O que lhes dá Ela, portanto?

— Heróis e Sangue.

— Ó Deuses! Quem é?

A Deusa disse:

— Dão-lhe um nome entusiasta: Liberdade.

XXII

- Ó Deusa! E quando acaba a Dança?
— Por Zeus! Dizem que nunca.
— E tu que dizes?
— Eu, por mim, não sei. João Crisóstomo, que é santo, diz que haverá Dança Final — Pirro diz que o Sol queimará Tudo.

XXIII

- Ó Deusa! E quem é aquele? Tem uns olhos agressivos como garras? E as mãos mais ávidas que ventosas!
— É o crâneo rubro como o Fogo?
— E umas Asas irrequietas!
— Chamam-lhe Ambicioso.
— E o outro?
— O que tem uns olhos frívolos? E que dança e dança, contente?
— O Deusa! Quem é?
— Um Estúpido.

XXIV

- E essoutro que tem os punhos fechados como cofres? E tem os olhos revirados para dentro? E nem vê mais nada à roda? E em vez do coração tem um seixo?
A Deusa disse:
— Chama-se Egoísta. Vai muito bem na Dança.

XXV

- Ó Deusa! O Deusa! Por Zeus, ó Deusa! E quem é aquele? Aquele, com um corpo tão belo — tão belo como o de Apólo?
E é branco e branco — tão branco, como os mármore de Paros!
E tem a chama inflamada e radiosa como um Pleno-Sol!
E são tão grandes as suas Asas que não lhe cabem no Peito!
Poseidon! E Êle sofre? Porque está caído no chão e parece estranho e acanhado? E não dança?
— Não sabe dançar.
— Apólo! Demeter! E porque o pisam?
A Deusa disse:

- Porque Êle não faz nada de útil.
— O divino Erecheneu! Quem é?
— Por Deus, te digo que não me lembro bem.
— O Deusa! E tem os olhos cheios de lágrimas — grandes e carbunculosas?
— Ah!... Chama-se Poeta.

XXVI

Ó Deusa! Pois se Êle é divino como Apólo e tem uma Alma radiosa como um Pleno-Sol, porque não o salvas tu? Agarra-o!

A Deusa pôs-se nua até às ancas:

— Como? E como não vês?

— Oh! Deuses!

Não tinha braços.

XXVII

Sob a ramaria coeva do bosque encantado, sentia-se ufano, meu coração. Raciocinar com uma Deusa!

Como eu desejaria ser visto por um certo sábio mediocre que conheço... mas, oh Zeus, logo que pensei em tal môno — a Deusa fugiu!

E fiquei só! Só, sob a ramaria coeva do bosque encantado. Escureceu. Dei dois passos na treva. Puz-me à escuta:

— Terrível, o *tohu-bohu* da Noite.

MENDES DE BRITO.



: OUTONO :

MELANCÓLICAS tardes portuguesas,
Pelo dobrar do Outono e da Saudade,
Eu tenho as vossas lágrimas acesas
No branco altar da minha mocidade.

Quando caem as fôlhas e tristezas,
E tudo tem um ar de piedade,
Em minha alma florescem brandas rezas,
Palavras de ternura e caridade.

E como se do Céu viesse a mim,
Por todo o espaço da amplidão sem fim,
Um hálito de Deus que me envolvesse!

E eu fico repassado de emoção,
Como se dentro de meu peito o coração
Numa névoa de amor se desfizesse . . .

Coimbra. — 1919.

ANTÓNIO DE PORTUCALE.



: O REFUGIADO :



ANOEL Gomes de Norbal, que regressára de longes terras, acolhera-se ao silêncio e ao isolamento do seu solar entre montanhas, velho casarão meio convento, cuja capela morgadia era encimada pela cruz sangrenta de Malta. Cheio do tédio e do desconforto da sua vida dispersa, como uma poeira inútil, por todos os caminhos do mundo, êle recordava-se nesse serão solitário das suas aventuras passadas, — tristes perfumes que se esvaneciam; e o mudo diálogo com essas sombras tinha uma sedução serena e compassiva, uma desiludida ternura de lágrimas frias e envenenantes... Como um lavrante de medalhas, dir-se-a que êle ia revelando a pouco e pouco êsses perfis de mulheres modernas que na sua vida se espalhavam à maneira de grinaldas madrigalêscas, — umas orgulhosas e régias como crisântemos de oiro e de fogo, outras, idílicas donas, românticas e heráldicas como lírios que florescessem num jardim de amavios. Nesse serão solitário, êle acendera para a festa da sua saudade dois candelabros antigos de prata cinzelada: e a luz jorrante, espalhando-se por todo o gabinete, acordava reflexos crivados nas esplêndidas colchas de Dâmasco. Estendido no *maple*, Manoel Gomes fumava, divagando amavelmente, num suave abandono de todos os sentidos. Era um ambiente propício às meditações plácidas, aos estudos humanistas, e ao abandonado gôsto de recordar, êsse gabinete quási conventual, onde

o *maple* punha um grito de anacronismo insolente. Sôbre a mesa de trabalho, os candelabros ardiã em dez chamas inquietas, belas e alvoroçadas como cabeleiras de princesas. Vinha de fóra, da quinta germinal, um surdo murmúrio composto de muitos murmúrios, da voz soluçante das fontes, e do estrídulo das cigarras. E Manuel Gomes sentia naquele gabinete dos serões estudiosos um repouso desconhecido, que não era sôno, onde se misturavam o remanso cristão dos horisontes e da noite cheia das fálas religiosas da água. E êle, o viajante cosmopolita, para ali ficára com um vago enternecimento, a repassar a história áurea da sua vida faustosa — ah! mas que êle agora via ser inútil, sem finalidade, dispersa a todos os ventos de todas as loucuras. Recordava-se agora da que fóra há anos a sua *Diana de Gabies*, dessa mulher de graça harmoniosa e sedutora, que lhe ensinára com seus beijos e seus abraços a amar a vida com um fundo delírio de todos os sentidos. Essa mulher tinha, como uma estátua clássica, um corpo de nobre elegância, de seios esculturais como taças, uma juvenildade radiosa e opulenta, linhas tersas e perfeitas, um donaire sereno de deusa. No silêncio dum palácio de príncipe romano, em cuja atmosfera havia serenidades aromais, êles passaram meses num idílio duma pureza heroica, duma orgulhosa voluptuosidade latina, recolhendo de tudo — da vida e das almas — uma alegria divina e radiante. Bebia a água pela concha de suas mãos... E nas manhãs lúcidas, duma luz virginal de óde olímpica, quando o sol tem um esplendor apolíneo, êles ressuscitavam um ritual pagão, tomando banho numa piscina de mármore verde, rodeada de estátuas que, durante séculos, dormiram debaixo da terra, no esquecimento e no tédio dos homens. Ele vivera então as horas vitoriosas da sua mocidade de herói latino, embriagado de vida e de desejo, orgulhoso, forte, concebendo todas as aspirações e todas as ideias com uma nobre confiança em si próprio. Eram belos os jardins patricios que envolviam o palácio, onde todas as fontes anacreonticamente, na luz gloriosa, pareciam repetir as frases do *Decameron*. E nas alamedas, ladeadas de mirtos e de roseiras, muitas vezes êle a beijára, recitando, por entre os beijos, ebbriamente, estrofes de Horácio...

Fóra, no eirado da casa, um cão latiu. Êle lembrou-se nesse momento do galgo irlandês que sempre acompanhava

essa deliciosa amante, um galgo duma elegância de bronze antigo, que ela com um gôsto de princesa erudita da Renascença amava loucamente...

Fulgiam, num delírio luminoso, os candelabros de prata, erguendo as chamas no silêncio do gabinete e da sua saudade. Nessa luz deslumbrante, a Vénus de Medicis amostrava, sôbre a mesa de trabalho, a sua nudêsa olímpica que desafia os séculos na eterna primavera da sua carne.

E como é que surgiu a «outra», em Paris, como numa scena de vida boémia? Como meneios serpentinos de lavareda, vestindo com uma elegância modernamente assimétrica uma *toilette* onde o costureiro se dêra ao capricho de copiar uma flôr, êle bebêra nos seus olhos (verdes ou azuis? — nunca o soubera...) um licor envenenante e atraente. As suas mãos eram longas, finas, agudas, com os dedos cheios de jóias, — esculturas adoçadas, transparentes como se fôssem feitas de cêra... Êle amára êsse corpo esquivo, esbelto, aritmico, duma elegância arisca, infantil e fluida. Fôra um amor estranho, alucinado; os beijos trocados deixaram nos seus lábios um gôsto de mel — mas de mel envenenado. Essas horas amorosas não cantaram a vida. Frágil como uma haste de lírio, a sua alma tinha a frivolidade dum madrigal boémio, mas, no entanto, atraía por misteriosas tentações, luarosa e romântica. Nas noites de boémia doirada, ela pendia sôbre o seu coração levemente como um corpo feito de penas, rindo com mimos garôtos de Colombina. Prendia-o, enleivava-o, subjugava-o quâse o amor por essa mulher que êle irónicamente considerava um lugar-comum elegante — tendo os mesmos pensamentos de todas as outras, repetidos com uma fidelidade mecânica. Todos nós temos um supersticioso receio em romper uma teia transparente que ençanta a nossa vida, prendendo todos os esforços livres da nossa vontade... Pois bem! Êsse mêdo desapareceu um dia! O último beijo, quando colou a sua bôca à bôca florescida dessa pálida Mimi foi um lírico madrigal, um madrigal pierrotêsco e amargo, que êle ainda hoje alembrava com irônica saúdade...

Levantou-se do *maple*, deu uns passos pelo gabinete, e parou deante dum pequeno espelho venesiano, em forma oval. Sorriu-se com sarcástica piedade por si próprio: grandes rugas vincavam a sua máscara, dando-lhe um ar de velhice prematura

e cansada. Êle não chegara ainda *al mezzo del camin*, nem adquirira essa impassibilidade irónica com que os homens, que já pressentem a velhice, costumam julgar tudo; mas era-lhe doce recordar o seu passado com a triste concentração de quem remeche um brazido cheio de cinzas e melancólicamente se sorri, com assombro, quando vê alguma pequenina chama escapar-se... E a pequenina chama escapou-se, num grande desejo de libertação! Era agora a bailarina eslava, de corpo elástico e esquivo, que lhe parecia tão distante, perdida para sempre na sombra do seu passado. Acendeu lentamente outro cigarro e sentou-se. Quando estivera em Varsóvia, vivera sempre num continuo encanto. Nunca como então ele adquirira uma vibratilidade tão aguda e dolorosa, um apaixonado sentido da côr e da linha. Ao crepúsculo, quando as torres bisantinas faúlham como se fôsem feitas de oiro e pedrarias e toda a cidade se enche dum esplendor bárbaro — dir-se ia que deuses desconhecidos vão descer à terra para celebrarem um sacrificio... Quem sabe se essa bailarina eslava, de grenha de fogo e olhos verdes e ébrios (oh! êsses olhos que o envolviam numa névoa verde, misteriosa...) não estava predestinada para lhe oferecer com o seu amor místico e misterioso uma nova revelação? Na cidade bárbara sempre o acompanhou essa bailarina esvelta e sortilega, e a posse do seu amor, nessa terra de mistério, dava às paisagens de neve e de oiro um sorriso familiar e encantador. A primeira vez que êle a fôra visitar, ela surgiu paradoxalmente, abrindo uma porta lavrada e toda embutida de marfim e pérola. Vinha vestida de Scherazada... Manoel Gomes nunca conhecera mulher assim superior, scética e religiosa, cheia de contradições, amando tão eruditamente. Ela procurava sempre, para que o encanto continuasse, novas surpresas, maravilhas novas. Uma noite, num esplendor assírio de luz e de côr, ela bailou, para êle unicamente, bailados scherazadêscos, zebrantes, ágeis, melodiosos, onde o espirito do fogo se unia, num espasmo, à alma do ritmo. Outras vezes, eram bailados misteriosos das paisagens da neve, tendo ao mesmo tempo uma elegância clauêscas e uma fuga bárbara e esfusante. Mas à sua beleza pálida e ruiva, à fragilidade ideal do seu corpo de czarina, iam melhor os bailados galantes, irónicos, mariposados. Assim, ao interpretar a gárrula e nervosa alegria de Colombina, o seu

corpo era uma maravilha de esbeltêsa, de atitude humorística, de líricos gestos românticos... Na cidade do fôgo e do ritmo, ela fôra uma inspiradora adorável. Os seus olhos verdes mergulhavam hipnóticamente nos longes embruxados da neve. E quando Manoel Gomes beijava as suas pálpebras cerradas — nunca podia explicar a estranha emoção dêsse beijo doloroso, comovido, ascético... Onde estaria agora, levada pelo vento duma vida inquieta, a maravilhosa bailarina?...

E esta pergunta que êle fez a si próprio, como se interrogasse o seu destino, encheu-o duma tristeza fria e desolante. Com gesto distraído, fazia girar no dedo indicador o anel de ferro forjado onde uma águia abria as ásas dominadoras. Do jardim vinha a canção solteira duma fonte... A paradoxal, a fútil, a frágil bailarina russa surgia deante de seus olhos como um espectro por entre neblinas de luar. Ela, a ruiva, era bela, encantadora, com seduções enovelantes e capciosas; tinha mãos de tocadora de cítera, dedos longos, habituados a penetrarem flócos de neve com um geito amoroso; e os seus olhos verdes eram para êle uma alucinação, profundos como espelhos cheios duma luz venenosa. Seus beijos abriam-se, orgulhosos, como uma flôr. Por vezes, com o cabelo desgrenhado, caíndo sôbre os ombros régios, lembrava uma infanta bizantina, tentante de todas as seduções, perturbando sempre como um mistério, bela e repulsiva como um vampiro. Mas, nesse momento de saudades românticas, as suas mãos vinham, por graça do amor perdido, espalhar lírios por todo o ambiente... Que era, afinal, tudo isto? A desconhecida sombra duma sombra... Ah! êle agora bem via, olhando o esplendor das dez chamas tremulantes, quanto o seu passado tinha sido inútil, dispersivo, sem uma finalidade que guiasse todos os seus passos e todos os seus pensamentos no caminho indicado por Deus à sua vida. Mas tinha agora um desejo ardente de beijar as pálpebras cerósas dessa bailarina russa — as pálpebras cerósas que palpitavam sob os seus beijos... Revia-a no *Carnaval*, em traje de Colombina, mimalha, esfusiente de graça humorística, dum encanto paradoxal, fútil como uma abelha avoando em tórno dum gira-sol...

Por muitas taças, todas maravilhosas, êle bebera o licor do amor, da volúpia, e da beleza. Por caminhos transcendentales, na sua fatalidade de príncipe vagamundo de romanceiro,

êle procurara uma verdade que o satisfizesse, uma luz pura e superior, um ritmo imperturbável de vida dominadora. Mas, depois de assim percorrer as sete partidas do mundo, êle reconhecia que nada aprendera, nada o elevara, e que a sua alma morria duma sêde espiritual e torturante. Tinha um sceticismo mais doente, um maior cansaço, um tédio mais dobrado. Amara talvez essas três mulheres. Mas para nenhuma delas tinha maior preferênciã, por todas espalhava o divino perfume da sua saudade e agora recordava-as com os olhos quási rásos de água. Fôram como um vinho capitoso, bebido por taças diferentes, mas todas da mesma beleza escultural. Deixaram no seu passado uma saudade lírica, nebulosa, esmaecida. Quando lembrava uma, logo as outras surgiam por fatalidade mágica. Erão três princesas errando no jardim misterioso do seu passado...

Ergueu-se com um grande desalento, e de mãos nos bolsos ficou olhando a trémula ondulação das chamas delirantes. Confrangia-o a certeza de que, em volta da sua vida, tudo se apagara, e que nessa indecisão nenhuma voz lhe dava fé, coragem, heroísmo de vencer. Deu umas voltas inquietas pelo gabinete e, desejoso de ar livre, escancarou a janela de par em par. Seus olhos afundaram-se no esplendor dêsse céu coalhado de astros, e dentro de si surgiu uma misteriosa, indecisa interrogação perante todas as coisas que, como êle, estavam sujeitas à divina regra de transitarem, nos círculos da vida imortal, por formas que morrem e renascem, continuamente...

Coimbra, 1918.

ERNESTO GONSALVES.



: SONETO :

COMO uma águia preta e batalhante
cobrindo o campo de oiro dum escudo,
assim a noite negra e de veludo
oculta, abrindo a ása, o sol radiante.

Torna outro dia e chega o astro adiante,
traz a verdade e a luz, pois vem desnudo.
E enquanto vibra e resplandece tudo,
eu abrigo-me à sombra rastejante.

Vejo passar, no rumo luminoso,
santos, deuses e génios... Mas aos poucos
o áureo clarão se extingue, brando e brando.

E no escuro que desce temeroso
filósofos, herois, sábios e loucos,
todos se envolvem, cegos, tateando...

: SONETILHO :



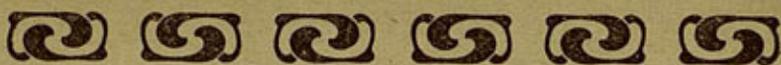
ÃO alto pus a Esperança
(como se fôra uma estrêla)
que o meu olhar, para vê-la,
já não dorme e não descansa.

E essa luz no céu avança
e corre, oculta mas bela.
Assim o olhar, para vê-la,
nunca a esperá-la se cansa.

Séculos passem, milénios,
rolem mundos, tombem génios,
que eu ficarei mudo e absorto.

Talvez a luz a mim chegue
um dia, e os olhos me cegue...
mas luz dum astro já morto!

JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO.



: OS MODERNOS :

ALBERT SAMAIN



Á em baixo, na vida banal e desolada, ninguém como Samain foi náufrago do Sonho. Resignados, todos suportamos a sarabanda eterna das horas que fogem e dos desalentos que ficam. Ele, não. No seu orgulho, era, como ninguém, hostil à realidade. Enclausurado no paraíso envenenado e lânguido da sua arte, entre o fru-fruar das sêdas e o fru-fruar dos beijos — via de longe a vida, como uma miragem tôrva, como um dolorido e inútil pezadêlo. «*Aucun comme lui ne fût craintif de la vie*» — e na frase de Beaunier toda a expressão do génio de Samain palpita, revelando-se. Receiava a vida, a gritaria dos sons e dos coloridos, o caleidoscópio violento dos frémitos que enlouquecem e das febres que queimam — toda a pujante, rútila quermesse da intensa civilização, acelerando, ampliando, prolongando a tortura, o fastio de viver.

A sua arte foi, para êle, a redôma de cristal onde se isolou, como um inadaptável. Criou, unicamente para si, um mundo de meias-tintas e de meias-côres, um mundo em que as claridades desbotam, os perfumes esmaiam, as tonalidades se vitralisam, em mortificadas diafaneidades de renúncia... O seu ritmo e a sua música são raridades que extasiam, ineditismos que surpreendem e enloucam. Pensa-se, por vêzes, no contacto com os seus versos, correr um jardim de caules esbeltos e corolas magnificentes, um jardim de enlêvo e de indecisão, um jardim de enigma e de desfalecimento, um jardim de miragem nostálgica e de vaidade suprema, um jardim em que as flores pareçam nascer da polida brancura dum espelho. Há contornos duma suavidade anfórica que só nele encontro,

nas suas harmonias que parecem alar-se como braços que rezem, espiralar-se como fusos que subam, perder-se no alto como névoas que se esfumem, brumáticas e efémeras... Sinto, na sua poesia narcotizadora, sugestões de beleza vaga e enfeitada que, antes de conhecê-la, os meus olhos não viam, os meus ouvidos não prescrutavam, as minhas mãos ansiosas não palpavam inda... Samain é, assim, um revelador das meias-carícias e dos meios-tons, das tremulinas da quimera e das transparências do enleio, dos mil requintes voluptuosos que nos rodeiam como beijos de névoa e chamamentos de éxtase, e só muito incertamente descobrimos, e só muito tardiamente compreendemos...

J'adore l'indécis, les sons, les couleurs frêles,
Tout ce qui tremble, ondule, et frissonne, et chatoie
Les cheveux et les yeux, l'eau, les feuilles, la scie,
Et la spiritualité des formes grêles.

Je rêve de vers doux mourant comme des roses...

Samain sofreu, sofreu como poucos. A sua tragédia é a tragédia do *Exilé* de Rodenbach. Abandonado entre a profanação da humanidade estuante e enérgica, andou pela vida como um príncipe loiro e flébil perdido num bosque onde as ciladas despontam, onde as tentações espreitam. Longe de tudo, longe da realidade e dos homens, fitava, extático como um iluminado, a visão distante da sua miragem, para onde as suas inspirações e os seus enlevos a todo o momento partiam, *sur des nacelles roses*. E foi do seu alheamento sublime e ascendente que a sua mágoa nasceu, que o seu conflito doloroso surgiu — o eterno conflito dos inadaptados, dos altivos exilados do sonho, cujos passos se não ouvem e cuja alma vâ, na flama do seu desejo, para os firmamentos de pérola e opala...

Da sua dôr, Samain tirou o imenso soluço da sua poesia... Toda ela é um soluço lento e melódico, um arrastado e requintado soluço, um virginal soluço de nostalgia e desalento. Desde o soluço das penumbras que morrem até ao soluço dos veludos que agonizam, desde o soluço dos parques desertos até ao soluço dos luars martirizados, desde o soluço dos crepúsculos que desbotam até ao soluço das pedrarias que descoram... Tudo é nêle a sombra que desce, a tortura que domina, a fatalidade que maltrata, a vitória das cinzas sôbre as alvoradas, das noites anémicas sôbre as madrugadas frescas. Poeta da tristeza e do requinte — Samain dá a impressão dum soberano oriental querendo rodear-se, antes do fim, dum mosaico de sumptuosidades e narcóticos, distraíndo o olhar moribundo numa última festa de policromias e carícias, e tendo,

pela última vez, uma ilusão benéfica de existência purificada e embelezada...

A mulher, para êle, é a Diabólica de Aurevilly e a Musa Esfíngica de Moréas fundidas à imprecisão dum perfil de bruma. Sôbre o veneno da satânia e o mistério da gioconda — lança a velada magia do seu irrealismo, tornando-a vaga, d'alma aluarada afogada em anseios, perdida em doentias perversidades exangues. Tece para ela a filigrana das suas melodias, o harpejo das suas ladainhas de incenso e amorosidade — mas guardando em si o orgulho do seu desdêm e da sua indiferença.

Femme, notre mépris sublime et notre Dieu...

Algumas vezes, no jardim simbólico da sua alma, encontra as madonas de sentidos brancos e exalações místicas, às quais então se aproxima, como na ânsia dum bálsamo de suavidade e pureza, e cantando-as como as peregrinas companheiras duma dolorida romagem, trémula e apagada, em busca do Descanço e do Sonho...

Samain é o Ruysdael do ritmo — em cujos céus empoalhados de âmbar palpitam os astros da rutilância e da mágoa. Samain, torturada figura de nostálgico, deslocado perfil de scismador e ritmador, foi, como poucos, infeliz, distante da feéria que idealizara, do grande cenário impossível e único que afagara eternamente a sua Ilusão...

A tragédia de Samain é a tragédia do *Exilé* de Rodenbach — abandonado entre a profanação da humanidade estuante e enérgica, andando pela vida fora como um loiro e flébil infante perdido num bosque onde as ciladas despontam, onde as tentações espreitam, e onde êle teve de subir o calvário mortificado do seu isolamento e do seu alheamento.

Na sua cabeleira loira de doente poussa-se agora a benção aromática da glória. Tardia? Tardia, não. Um artista como Samain que viveu a amaldiçoar a vida, a distanciar-se dela, a esquecer-se dela, para sofrer menos — só na morte pode receber, num sorriso, os loiros floridos da consagração, agora que, sôbre a laguna profunda dos seus olhos mortos, os cílios caíram para sempre, para a eternidade do Sonho!

Outono, 1919.

JOAO AMEAL.

EXPEDIENTE

DA REDACÇÃO

Toda a colaboração é inédita e solicitada.

Devido a circunstâncias imprevistas, não pudemos regularisar ainda a publicação desta revista.

No próximo número inseriremos prosa do Visconde de Vila-Moura.

Brevemente publicarêmos a resenha crítica de todos os livros que temos recebido,

DA ADMINISTRAÇÃO

Fomos obrigados a elevar o preço dêste número por motivo do aumento de páginas.

Não aceitamos assinaturas, sendo avulsa a venda da nossa revista. Pedimos a todas as pessoas a quem a enviamos o favor de nos remeter pelo correio a importância de cada número.

Em via de publicação:

SERÃO DAS INFANTAS

por Alfredo de Carvalho.

POEMA DA TENTAÇÃO

IRONIA BUCÓLICA

por Américo Cortez Pinto.

CARNAVAL

por Luís Pinto de Montemor.

DIÁLOGOS

por João Ameal.

POEMA DAS SOMBRAS

por Ant.º Thomaz de Bourbon.

À venda:

A HORA INTERNACIONAL

por Luis Vieira de Castro.

